UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GERONTOLOGIA

MARIANA ALVES DA SILVA DO NASCIMENTO

Do velho para o novo: percepções de idosos sobre o processo de *studentification*, as mudanças sócio-físicas do bairro e o *aging in place*

São Paulo

2019

MARIANA ALVES DA SILVA DO NASCIMENTO

Do velho para o novo: percepções de idosos sobre o processo de *studentification*, as mudanças sócio-físicas do bairro e o *aging in place*

Versão original

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Gerontologia.

Área de Concentração: Gerontologia

Orientadora:

Profa. Dra. Maria Luisa Trindade Bestetti

Co-orientadora:

Profa. Dra. Deusivania Vieira da Silva Falcão

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)
CRB 8-4936

Nascimento, Mariana Alves da Silva do

Do velho para o novo: percepções de idosos sobre o processo de *studentification*, as mudanças sócio-físicas do bairro e o *aging in place* / Mariana Alves da Silva do Nascimento ; orientadora, Maria Luisa Trindade Bestetti ; coorientadora, Deusivania Vieira da Silva Falcão. – 2019.

88 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo
Versão original

1. Idosos - Aspectos sociais. 2. Ambientes urbanos. 3. Relações entre gerações. 4. Sociologia urbana. I. Bestetti, Maria Luisa Trindade, orient. II. Falcão, Deusivania Vieira da Silva, coorient. III. Título

CDD 22.ed. – 362.6

Nome: NASCIMENTO, Mariana Alves da Silva do

Título: Do velho para o novo: percepções de idosos sobre o processo de *studentification*, as mudanças sócio-físicas do bairro e o *aging in place*

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia.

Área de Concentração: Gerontologia

Aprovado em: 07 / 05 / 2019

Banca Examinadora

Profa. Dra. Angélica Aparecida Tanus Benatti Alvim

Instituição: Universidade Presbiteriana Mackenzie

Julgamento: Aprovada

Profa. Dra. Andréa Holz Pfützenreuter

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina

Julgamento: Aprovada

Profa. Dra. Samila Sathler Tavares Batistoni

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: Aprovada

A todos aqueles que me trouxeram até aqui. Finalmente achei meu lugar.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais e minha tia Vera por terem batalhado para me dar uma educação digna. Sem seus esforços, não teria chegado até aqui.

Ao meu irmão, João Pedro, pelas risadas, pela ajuda e por sempre estar aqui.

Aos meus amigos, a família que escolhi, por me incentivar desde sempre a cultivar minha paixão por idosos.

Ao meu namorado, Vinícius, pelo amor, carinho e pela ajuda prestada em diversas formas nesta reta final.

Aos professores da EACH, por quem tenho muita admiração e respeito, e que me inspiraram a promover nosso campo e lutar pela Gerontologia. Em especial, às professoras Deusivania Falcão, Samila Batistoni, Andrea Lopes, Ruth Melo e Meire Cachioni, que se tornaram minhas aspirações acadêmicas – quando crescer, quero ser como vocês!

À minha orientadora, professora Maria Luisa Trindade Bestetti, que me guiou sabiamente nesse processo e a quem devo muito, por todo seus ensinamentos, conselhos e carinho. Sem você, essa jornada não teria sido tão prazerosa.

Aos companheiros desta jornada, Mauro Anastácio e Gabriela Cipolli, pelas risadas, desabafos e apoio durante todo este processo.

Ao programa de Pós-Graduação em Gerontologia, onde aprendi muito, por me acolher tão afetuosamente, acreditar em mim e no meu trabalho.

Ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Aos idosos que participaram desta pesquisa, pelo seu tempo, pelo compartilhamento de informações e por confiar nesse trabalho.

À minha avó Alzira, minha musa inspiradora, a quem devo tudo. Meu muito obrigada.

*“Construímos pela mesma razão que escrevemos: registrar o que é importante para
nós.”*

(BOTTON, 2007)

RESUMO

NASCIMENTO, Mariana Alves da Silva do. **Do velho para o novo:** percepções de idosos sobre o processo de *studentification*, as mudanças sócio-físicas do bairro e o *aging in place*. 88 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Versão original.

O ambiente do bairro torna-se significativo para os idosos com o passar dos anos, e suas condições são importantes para manter os laços sociais com familiares e amigos, e desenvolver o senso de apego ao lugar e pertencimento, melhorando a saúde, qualidade de vida e bem-estar na velhice. Quando o espaço familiar passa por transformações, essas refletem no comportamento individual, na maneira como os espaços são apropriados e nas relações sociais. Um dos processos de transformação que tem ocorrido no ambiente da vizinhança é o chamado *studentification*, ou a formação de “guetos” estudantis com a chegada de universitários em bairros tradicionais. Esta dissertação busca elucidar as percepções dos idosos sobre o processo de *studentification*, focando especialmente nos aspectos das relações sociais, sobretudo com seus vizinhos, e das mudanças no ambiente do bairro. Para tanto, dois artigos compõem a dissertação, sendo o primeiro deles uma revisão *scoping* de literatura, com o panorama recente dos artigos publicados sobre as relações sociais na velhice e o meio urbano. Seu objetivo é descrever os principais aspectos sócio-físicos, conceitos e teorias estudados na literatura, através da revisão de 35 artigos coletados em 3 bases de dados distintas. Os resultados indicam que há uma concordância na literatura quanto aos principais conceitos relacionados ao tema; as teorias ainda são muitas, o que dificulta o consenso sobre as mais relevantes; faltam instrumentos comuns e validados que possibilitem a reprodução e generalização das pesquisas; a literatura aponta que o tema ainda deve ser debatido e explorado dentro da gerontologia ambiental. O segundo artigo traz os resultados de uma pesquisa empírica de estudo de caso, realizada com 21 idosos moradores de um bairro adjacente a uma universidade e que sofre o processo de *studentification*, e objetiva explorar os efeitos deste processo no ambiente sócio-físico, nas relações sociais e no *aging in place*; os dados foram analisados segundo a técnica de análise de conteúdo. Os resultados sugerem que as relações com vizinhos já eram fracas antes das mudanças ocorridas, não tendo afetado a escolha por envelhecer no lugar. As mudanças também não foram fatores primordiais para esta escolha, mas sim o apego e o senso de pertencimento. Os dados demonstram que apesar das transformações no ambiente, na verdade o processo de *studentification* pode ser visto como catalizador de novas relações intergeracionais no bairro. Espera-se que esta pesquisa

possa contribuir para uma melhor compreensão dos efeitos da vizinhança e seu ambiente sócio-físico sobre os mais velhos, incentivando a expansão das pesquisas na área da gerontologia ambiental.

Palavras-chave: Idosos. *Studentification*. Relações sociais. Ambiente urbano. *Aging in place*.

ABSTRACT

NASCIMENTO, Mariana Alves da Silva do. **From the old to the new**: perceptions of the elderly about the studentification process, social-physical changes in the neighborhood and aging in place. 2019. 88 p. Dissertation (Master of Science) – School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2019. Original version.

The environment of the neighborhood becomes significant to the elderly over the years, and its conditions are important to maintain social ties with family and friends and develop the sense of attachment to place and belonging, improving health, quality of life and well-being in old age. When the familiar space undergoes transformations, these reflect on individual behavior, the way spaces are used and in social relations. One of the processes of transformation that has taken place in the neighborhood environment is called studentification, or the formation of student "ghettos" with the arrival of university students in traditional neighborhoods. This dissertation seeks to elucidate the perceptions of older people about the process of studentification, focusing especially on the aspects of social relations, particularly with their neighbors, and on the changes of the neighborhood environment. Therefore, two articles compose the dissertation, the first of them is a scoping review of literature presenting a recent panorama of published articles about social relations in old age and the urban environment. It aims to describe the main socio-physical aspects, concepts and theories studied in the literature, through the revision of 35 articles collected in 3 distinct databases. The results indicate that there is an agreement in the literature about the main concepts related to the topic; there are many theories, which hinder the consensus about the most relevant ones; there are a lack of common and validated instruments that facilitate the reproduction and generalization of research; the literature points out that the subject must still be debated and explored within the environmental gerontology. The second article brings the results of empirical research, a case study conducted with 21 elderly residents of a neighborhood adjacent to a university that suffers the studentification process. It aims to explore the effects of this process on the social-physical environment, social relations and aging in place; data were analyzed according to the content analysis technique. The results suggest that relations with neighbors were already weak before the changes in the neighborhood, and it has not affected the choice for aging in place. Likewise, the changes were not primary factors for this choice, but the attachment and the sense of belonging. The data demonstrate that despite the changes in the environment, these do not affect the ability of aging in place, in fact, the process of studentification can be seen as a catalyst of new

intergenerational relations in the neighborhood. It is expected that this research may contribute to a better understanding of the effects of the neighborhood and the socio-physical environment on the elderly, encouraging the expansion of research in the field of environmental gerontology.

Keywords: Elderly. Studentification. Social relations. Urban environment. Aging in place.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIP	<i>Aging in place</i>
ASSIA	Applied Social Sciences Index and Abstracts
CASI-S	Cognitive Abilities Screening Instrument – Short Form
CCRC	Continuing Care Retirement Communities
ETA	Ecological Theory of Aging
GA	Gerontologia Ambiental
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NORC	Naturally Occuring Retirement Communities
OMS	Organização Mundial da Saúde
SOC	Seleção, Otimização e Compensação
SPOT	Social-Physical Place Over Time
TCLE	Termo de consentimento livre e esclarecido
TSS	Teoria da Seletividade Socioemocional
UBRC	University Based Retirement Communities
UFABC	Universidade Federal do ABC
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 RELAÇÕES SOCIAIS DE IDOSOS NO AMBIENTE URBANO: UMA REVISÃO SCOPING DOS PRINCIPAIS CONCEITOS E TEORIAS	18
RESUMO	18
ABSTRACT	18
2.1 INTRODUÇÃO.....	19
2.2 MÉTODOS.....	22
2.3 RESULTADOS	24
2.4 DISCUSSÃO.....	33
2.4.1 Aspectos físicos.....	36
2.4.2 Aspectos sociais.....	37
2.4.3 Principais teorias	39
2.4.4 Limitações das pesquisas	41
2.4.5 Apontamentos futuros.....	42
2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	44
3 DO VELHO PARA O NOVO: O PROCESSO DE <i>STUDENTIFICATION</i> DO BAIRRO NA PERSPECTIVA DE MORADORES IDOSOS	48
RESUMO	48
ABSTRACT	49
3.1 INTRODUÇÃO.....	50
3.1.1 <i>Studentification</i> : do velho para o novo.....	52
3.2 MÉTODOS.....	54
3.2.1 Desenho e participantes.....	54
3.2.2 Instrumentos	55
3.2.3 Procedimentos.....	56
3.2.4 Análise de dados	56
3.2.5 Local e contexto	57
3.3 RESULTADOS	61
3.4 DISCUSSÃO.....	65
3.4.1. Ambiente do bairro	66
3.4.2 Relações	67
3.4.3 Pertencimento	69

3.4.4 Segurança	71
3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	73
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS	78
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	82
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	87
ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES DA USP.....	88

1 INTRODUÇÃO

O século XX trouxe avanços e mudanças em diversos âmbitos, social, econômico, educacional, industrial, cultural e urbano. A dominação dos automóveis alterou a forma como as cidades são desenhadas e planejadas, o espaço urbano passou a ser concebido priorizando os carros e não mais as pessoas que antes ocupavam ruas e calçadas. A dimensão humana foi esquecida, e juntamente com outras forças atuantes, acarretou no esvaziamento e descuido do espaço público (GEHL, 2013). “O espaço público é importante, à medida em que tem a função de interligação entre locais (redes, caminhar, conexões), determina o modo de socialização e atua como modificador de comportamentos e de disciplina” (PFÜTZENREUTER, 2014, p. 25).

As mudanças ocorridas no espaço urbano, sejam elas morfológicas, culturais ou sociais, influenciam diferentes pessoas de maneiras distintas, o que pode ter reflexo na forma como usam e se apropriam dos espaços e em suas relações sociais (GEHL, 2013; PFÜTZENREUTER, 2014). Os indivíduos mais vulneráveis e os mais expostos às mudanças, como os idosos, podem sofrer uma pressão desigual (LAWTON e NAHEMOW, 1973), apesar de haver uma tendência a adaptar-se ao ambiente.

Diversos estudiosos destacaram aspectos do espaço construído considerados fundamentais para a promoção do uso do espaço público não apenas por idosos, mas por pessoas de qualquer idade (GEHL, 2013; BESTETTI, 2014; PFÜTZENREUTER, 2014). Aspectos como caminhabilidade, diversidade de usos através de comércio, serviços, organizações sociais e áreas verdes nas proximidades das residências, pavimentação adequada das calçadas, boa sinalização, áreas de descanso com bancos, boa iluminação, acessibilidade, priorização do transporte coletivo, etc., são básicos para que grupos diversos possam compartilhar o mesmo espaço (BESTETTI, 2014). Todavia, a ausência ou deficiência de alguns desses aspectos pode ter o efeito contrário e causar retraimento social e exclusão, ocasionando desfechos negativos como enfraquecimento dos laços sociais, isolamento e inatividade (BURNS, LAVOIE e ROSE, 2012).

Muitas interações sociais dos idosos ocorrem na vizinhança (CORNWELL e BEHLER, 2015), visto que o envelhecimento pode trazer alterações biopsicossociais que resultam na restrição no deslocamento dessas pessoas. Além disso, muitos idosos vivem há anos na mesma vizinhança, e expressam o desejo em permanecer no mesmo lugar (SMITH, LEHNING e KIM, 2018). O chamado *aging in place* (AIP), ou envelhecer no lugar, diz

respeito à capacidade do indivíduo de permanecer em sua casa e/ou comunidade de forma segura e confortável, atendendo suas necessidades e preservando sua autonomia e independência pelo maior tempo possível, sendo essa a preferência da maioria dos idosos (VANLEERBERGHE *et al.*, 2017; JIANG, LOU e LU, 2018; SMITH, LEHNING e KIM, 2018).

O entorno imediato torna-se significativo com o passar dos anos (BURNS, LAVOIE e ROSE, 2012), e suas condições são importantes para manter os laços sociais com familiares e amigos (CORNWELL e BEHLER, 2015). Ao permanecer por anos no mesmo local, o indivíduo estabelece sua rede social e identidade pessoal através dos espaços familiares, tendo maiores chances de preservar seus vínculos e desenvolver o senso de apego ao lugar, e com isso, melhorar sua saúde e bem-estar na velhice (BURNS, LAVOIE e ROSE, 2012; IECOVICH, 2014; SMITH, LEHNING e KIM, 2018). Charles e Carstensen (2010) destacaram que os relacionamentos positivos e significativos, especialmente aqueles selecionados durante o envelhecimento, são fundamentais para a saúde ao considerar qualidade de vida e bem-estar, aumentando a expectativa de vida, diminuindo ou retardando o aparecimento de doenças, melhorando a capacidade cognitiva, entre outros benefícios que promovem a satisfação com a vida e a felicidade.

Ressalta-se a importância de se manter o convívio social, a interação com pessoas conhecidas ou não, a comunicação, a aceitação pelo grupo, a valorização da opinião em conversas e a importância de sentir-se seguro para utilizar o espaço em que esteja. [...] Essa segurança é tanto atribuída a atos cometidos por terceiros quanto à infraestrutura. (PFÜTZENREUTER, 2014, p.12)

Morar em um bairro que apresente condições que favoreçam ou fortaleçam a rede social na velhice é então fundamental, pois são os acontecimentos, encontros, vivências, experiências e o contato com os outros que sustentam a sociabilidade, e essas dinâmicas ocorrem no espaço urbano (BESTETTI, 2014; PFÜTZENREUTER, 2014).

Atividades sociais exigem a presença de outras pessoas e incluem todas as formas de comunicação entre as pessoas no espaço público. Se há vida e atividade no espaço urbano, então também existem muitas trocas sociais. Se o espaço da cidade for desolado e vazio, nada acontece. (GEHL, 2013, p. 22)

Processos de transformação urbana podem promover as trocas sociais, a depender da forma como o indivíduo os percebe, cria experiências e se adapta a eles, podendo ser positivo sobretudo quando há melhorias no ambiente e trocas intergeracionais; ou negativo, quando ocorre degradação do ambiente e gentrificação – processo caracterizado pelo gradual esvaziamento do lugar e a substituição da população residente original por novos grupos de

moradores, como estrangeiros, estudantes, jovens adultos (BURNS, LAVOIE e ROSE, 2012; PFÜTZENREUTER, 2014; CORNWELL e BEHLER, 2015).

Um exemplo de processo de transformação urbana que começou a ser estudado no início dos anos 2000 é o chamado “*studentification*”, termo utilizado para nomear o processo de formação de “guetos” estudantis, ou a concentração de estudantes de nível superior em determinadas áreas ou bairros de cidades que abriguem grandes universidades (SMITH, 2005; POWELL, 2016).

O *studentification* ocasiona transformações físicas, culturais, sociais, e econômicas, já que traz consigo uma população flutuante de estudantes que muda a cada novo ciclo escolar. Do ponto de vista urbanístico, este processo reconfigura a morfologia e o uso dos espaços, substituindo as residências unifamiliares por pequenas unidades individuais para locação, como quitinetes (SMITH, 2005). Estas mudanças têm impacto sobre o AIP, e muitas vezes causam o efeito contrário ao esperado, conhecido como “*stuck in place*”, ou *estar preso ao lugar* (tradução livre da autora), que ocorre quando o idoso acaba permanecendo ali mesmo que contra sua vontade por não ter condições para realocar-se. Os idosos que permanecem nesse tipo de vizinhança e os universitários acabam vivendo em universos distintos, que se cruzam quando há conflitos, mas não se conversam, deixando escapar uma grande oportunidade para a intergeracionalidade (POWELL, 2016).

Tratando-se de um fenômeno relativamente novo, pouco se estuda sobre os efeitos do processo de *studentification* na vida dos idosos que permanecem no bairro. Powell (2016) conduziu uma vasta busca por literatura que abordasse AIP em vizinhanças próximas a universidades e não obteve sucesso, sendo seu estudo o mais relevante sobre o tema, e afirma a importância de investigar tipos específicos de vizinhança e seus impactos sobre os idosos, a velhice e o envelhecimento.

Se considerarmos o contexto brasileiro, a literatura é ainda mais escassa, principalmente ao tratar do público idoso, por isso este estudo é pioneiro dentro do campo da Gerontologia Ambiental (GA) no país. O objetivo geral foi compreender as percepções dos idosos sobre o processo de *studentification*, focando especialmente nos aspectos das relações sociais, sobretudo com seus vizinhos, e das mudanças no ambiente. Para tanto, foi realizado um estudo de caso com idosos moradores do bairro Bangú, em Santo André – SP, que passa por este processo desde 2006 com a chegada da Universidade Federal do ABC (UFABC), onde ocorreram significativas mudanças no ambiente sócio-físico.

Investigar os diferentes contextos urbanos e vizinhanças onde idosos estão inseridos e desejam permanecer é importante para a gestão pública no que tange o desenvolvimento de políticas habitacionais, planejamento estratégico e zoneamento da cidade, disposição de recursos, alocação de pessoas necessitadas, criação de programas de incentivo ao AIP e iniciativas de comunidades amigas dos idosos, entre outros (SMITH, LEHNING e KIM, 2018), focando assim nas necessidades e demandas desse público que tem se apresentado cada vez mais social e politicamente engajado e ativo.

As cidades cresceram rapidamente e o crescimento urbano vai continuar acelerado nos próximos anos. Tanto as cidades existentes como as novas terão que fazer mudanças cruciais em relação aos pressupostos para o planejamento e suas prioridades. Deve-se destacar, como objetivo-chave para o futuro, um maior foco sobre as necessidades das pessoas que utilizam as cidades. [...] Igualmente urgente é reforçar a função social do espaço da cidade como local de encontro que contribui para os objetivos da sustentabilidade social e para uma sociedade democrática e aberta. (GEHL, 2013, p.6)

A dissertação organiza-se em dois artigos, sendo o primeiro deles uma revisão *scoping* de literatura que traz um panorama recente dos artigos publicados em bases internacionais acerca das relações sociais na velhice e o meio urbano, com destaque para o *aging in place* e a gerontologia ambiental. Em seguida é apresentado um estudo que traz os resultados qualitativos da pesquisa empírica, analisando o meio sócio-físico e as relações sociais dos participantes sob a ótica da teoria SPOT (*Social-Physical Place Over Time*) (WAHL, IWARSSON e OSWALD, 2012; SMITH, ROZEK e MOORE, 2014).

Espera-se que esta pesquisa possa assim contribuir para uma melhor compreensão dos efeitos da vizinhança e seu ambiente sócio-físico sobre os mais velhos, incentivando a expansão das pesquisas na área da gerontologia ambiental, e promovendo a intersecção entre Gerontologia, Arquitetura e Urbanismo, de forma a instigar novas inquietações que extrapolem o campo de atuação familiar da Gerontologia e adentrem outras áreas das ciências.

2 RELAÇÕES SOCIAIS DE IDOSOS NO AMBIENTE URBANO: UMA REVISÃO SCOPING DOS PRINCIPAIS CONCEITOS E TEORIAS

RESUMO

O objetivo deste artigo foi apresentar um panorama da literatura recente acerca das relações sociais de idosos no meio urbano através de uma revisão *scoping* de literatura, descrevendo quais são os aspectos sócio-físicos mais estudados, e os principais conceitos e teorias utilizadas pelos autores, as limitações encontradas nos estudos e os apontamentos futuros do campo. Foram encontrados 2.190 artigos das bases de dados PsycINFO, Science Direct e Applied Social Sciences Index and Abstracts. 31 artigos foram selecionados após se enquadrarem nos critérios de inclusão e exclusão. 4 artigos foram incluídos posteriormente advindos da busca em referências. Apenas um artigo brasileiro foi incluso. Os artigos foram divididos entre empíricos (n=25) e descritivos (n=10), e categorizados de acordo com o tema principal. Constatou-se que os conceitos utilizados, em geral, não possuem uma definição única, apesar de haver uma concordância na literatura quanto ao seus significados e importâncias; diversas teorias foram utilizadas como base para a formulação das hipóteses de pesquisa, o que demonstra um fortalecimento na qualidade das pesquisas e publicações, por outro lado, representa a multiplicidade do campo e a falta de consenso sobre as teorias mais relevantes. Uma das principais limitações das pesquisas é a falta de instrumentos comuns e validados, fazendo com que os estudos sejam singulares e difíceis de reproduzir em diferentes contextos, não havendo medidas ou protocolos comuns para coletar e analisar dados. Conclui-se que a gerontologia ambiental é um campo proeminente que tem se expandido e que enfrenta vários desafios, mas tem se demonstrado fundamental na compreensão do efeito da relação idoso-ambiente urbano sobre os relacionamentos na velhice nos diferentes cursos de vida, sendo essencial que esta relação seja estudada, apresentada e debatida, haja vista que a tendência a que ela se intensifique com um número cada vez maior de idosos no meio urbano. Palavras-chave: Ambiente urbano. Relações sociais. Idosos. Gerontologia ambiental. Revisão *scoping*.

ABSTRACT

The purpose of this article was to present an overview of the recent literature on the social

relations of the elderly in urban environment, describing the most studied socio-physical aspects and the main concepts and theories used by the authors through a scoping review of literature. 2,190 articles were found from the PsycINFO, Science Direct and Applied Social Sciences Index and Abstracts databases. 31 articles were selected after the inclusion and exclusion criteria. 4 articles were subsequently included from references. Only one Brazilian article was included. The articles were divided between empiric (n=25) and descriptive (n=10) and categorized according to the main theme. It was found that the concepts used, in general, do not have a single definition, although there is a concordance in the literature regarding their meanings and importance; several theories were used as source for the formulation of the research hypotheses, which demonstrates a strengthening in the quality of research and publications, on the other hand, it represents the multiplicity of the field and the lack of consensus on the most relevant theories. One of the main limitations of the researches is the lack of common and validated instruments, causing the studies to be singular and difficult to reproduce in different contexts, with no common measures or protocols to collect and analyze data. It is concluded that environmental gerontology is a prominent field that has expanded and faces several challenges, nonetheless it has been shown to be fundamental on understanding the effect of the elderly-urban environment relation on the relationships in old age on different life courses, being essential that this relation is studied, presented and debated, given that the tendency is that it intensifies with an increasing number of elderly in the urban environment.

Keywords: Urban environment. Social relations. Elderly. Environmental gerontology. Scoping review.

2.1 INTRODUÇÃO

O ambiente urbano deve fornecer um contexto apropriado para que idosos desfrutem do seu direito à cidade, sendo de extrema importância para que esses tenham qualidade de vida e bem-estar, mantendo sua independência, e motivando a participação social através dos encontros e das trocas sociais (TOMASZEWSKI, 2013; CAMPBELL e KIM, 2016). Diversas pesquisas já demonstraram a importância que o ambiente tem sobre os comportamentos e relacionamentos dos indivíduos, e o quanto esses relacionamentos são positivos ao prover suporte e capital social, promover a inclusão e participação, reduzir o isolamento (STEELS, 2015), e até doenças como depressão e ansiedade. No caso dos mais velhos, a função do

ambiente é ainda maior, visto que as mudanças de papel social, as perdas de capacidades, e os comprometimentos cognitivos levam o idoso a permanecer mais tempo em sua moradia e seus entornos (CORNWELL e BEHLER, 2015; LEHNING, SMITH e DUNKLE, 2015; GREENFIELD, 2016), diminuindo seu acesso à transporte, resultando na redução do seu raio de deslocamento e de sua rede social, que passa a se concentrar nas proximidades da residência (BURNS, LAVOIE e ROSE, 2012; GRAHAM, SCHARLACH e WOLF, 2014).

Uma das formas de preservar a rede social dos idosos mais mencionadas na literatura, fazendo com que permaneçam em seu ambiente residencial e vizinhança pelo maior tempo possível, é o chamado *aging in place* (AIP), ou envelhecer no lugar (WILES *et al.*, 2012; BENEFIELD e HOLTZCLAW, 2014; IECOVICH, 2014; LEHNING, SMITH e DUNKLE, 2015). O *aging in place*, que será melhor discutido posteriormente, é caracterizado pela habilidade do indivíduo em permanecer na residência e/ou bairro de sua escolha, de forma segura, independente e confortável, preservando a autonomia pelo maior tempo possível. Mesmo em diferentes contextos, a maioria dos idosos prefere envelhecer no lugar pois isso lhes permite manter sua autonomia, identidade, independência, senso de controle, suporte social, e trazem sentimentos como apego, segurança, familiaridade, pertencimento e conexão social (VANLEERBERGHE *et al.*, 2017; JIANG, LOU e LU, 2018), evitando assim realocações desnecessárias ou antecipadas, que podem levar à baixa qualidade de vida, surgimento de incapacidades e depressão (GRAHAM, SCHARLACH e WOLF, 2014; GRAHAM, SCHARLACH e STARK, 2017; JIANG, LOU e LU, 2018).

A escolha é um aspecto fundamental para o *aging in place*. Segundo Lehning, Smith e Dunkle (2015), é o que diferencia idosos que optam por envelhecer no lugar daqueles que estão presos ao lugar, ou “*stuck in place*”. Isso ocorre quando o idoso não tem condições biológicas e/ou psicológicas, mas especialmente financeiras de sair de onde mora, colocando-o em desvantagem, se comparado àqueles que envelhecem no lugar por opção, em questões como capacidade funcional, saúde mental, status socioeconômico e engajamento social (SMITH, LEHNING e KIM, 2018). Apesar de ser o desejo de muitos na velhice, envelhecer no lugar não será possível para todos os indivíduos, já que muitos necessitarão de cuidados específicos que não poderão ser fornecidos no ambiente residencial ou do bairro, levando à sobrecarga dos cuidadores informais e atraso na realocação desse indivíduo. Ainda, cuidar das tarefas diárias e gerenciar a casa quando há perda e diminuição da capacidade física e cognitiva pode se tornar um fardo para alguns idosos (VANLEERBERGHE *et al.*, 2017).

Nesse contexto, *lugar* é um construto valioso, e sob a ótica sócio construtivista,

representa um processo dinâmico mais que um local estático, composto pelo ambiente físico e social, faz parte integral da vida social das pessoas e é construído ao longo do tempo através das experiências passadas e das ambições futuras. Portanto, manter-se na casa ou vizinhança por escolha, ou seja, no seu lugar, gera o sentimento de pertencimento e o apego às experiências, histórias e memórias construídas ali por cada um individualmente (VAN HEES *et al.*, 2017).

Compreender as implicações psicológicas e comportamentais da relação idoso-ambiente (MOORE, 2014), incluindo elementos como o AIP, e estudar as características dos ambientes físico e social que afetam essa relação e têm impacto sobre os laços sociais dos mais velhos não é uma tarefa simples. Diversos pesquisadores no campo da gerontologia ambiental (GA) e outras áreas como geografia social, urbanismo, arquitetura, sociologia, e psicologia ambiental têm se dedicado a isso (PHILLIPS *et al.*, 2013; LEHNING, SMITH e DUNKLE, 2015; CAMPBELL e KIM, 2016; ZHANG e ZHANG, 2017). Segundo Batistoni (2014), a gerontologia ambiental é um campo que se destina à “descrição, explicação, modificação ou otimização da relação entre as pessoas idosas e seu entorno socioespacial” (BATISTONI, 2014, p.648).

As temáticas abordadas em GA tratam de questões do ambiente sócio-físico em diversos níveis, desde o microambiente (residencial/individual), passando pelo mesoambiente (família), exoambiente (vizinhança e comunidade), e macroambiente (cidade e/ou contexto urbano/rural, sociedade e cultura, política, economia, etc.) (GREENFIELD, 2012; BATISTONI, 2014). Entre os elementos encontrados nos vários níveis de ambiente que trazem desfechos positivos para os relacionamentos na velhice, destacam-se no exoambiente e macroambiente: opções de moradias; acesso a transporte; acesso a comércio e serviços na vizinhança; oferta de áreas verdes e espaços públicos; espaços para prática de atividades físicas, recreacionais, culturais e educacionais; oportunidades para o encontro e a interação social, e engajamento cívico; disponibilidade de serviços de saúde (WILES *et al.*, 2012; STEELS, 2015). Já no meso e microambiente, enfatiza-se a importância da disponibilidade de praças, bancos e banheiros públicos; iluminação e pavimentação adequada; acessibilidade à edifícios; maior tempo de travessia das ruas; uso de tecnologia assistiva na moradia; criação de centros de convivência e centros-dia para idosos; locais que permitam trocas intergeracionais; serviços de apoio que ofereçam atividades sociais (como voluntariado, encontros, clubes) e suporte para tarefas cotidianas (como deslocamento, dúvidas, reparos residenciais) (TOMASZEWSKI, 2013; STEELS, 2015; VAN HEES *et al.*, 2017).

Apesar de o campo ter crescido e se desenvolvido muito nas décadas de 1970 e 1980, a gerontologia ambiental tem se destacado no cenário atual, mas ainda enfrenta muitos desafios e apresenta pouca produção no contexto nacional, se comparada a outras áreas mais consolidadas dentro da Gerontologia. Uma das dificuldades encontradas por quem estuda o assunto é a ausência de consolidação dos principais temas, conceitos e teorias sobre a interação entre meio urbano-relações sociais-idosos, o que acarreta no enfraquecimento da produção científica que não se baseia nesses tópicos para formular suas hipóteses e discutir seus resultados.

Sendo assim, este artigo visa a apresentar um panorama da literatura através de uma revisão scoping (RIBEIRO, 2014) acerca das relações sociais no meio urbano, descrevendo quais são os aspectos físicos e sociais mais estudados e as principais teorias utilizadas pelos autores. Quatro perguntas de pesquisa nortearam este trabalho: a) Quais são os principais aspectos físicos e sociais que os autores mais têm estudado na relação ambiente-idoso? b) Quais são as principais teorias e conceitos encontrados na literatura? c) Quais são as limitações das pesquisas na área da Gerontologia Ambiental? e d) Quais são os apontamentos para futuros indicados pelos autores? Espera-se que a tentativa em responder estas questões colabore para que pesquisadores interessados no campo tenham conhecimento das teorias e conceitos da área, visionem quais são os desafios das pesquisas em GA e quais direcionamentos seguir em seus campos de atuação.

2.2 MÉTODOS

Para responder às perguntas de pesquisa, a primeira autora realizou uma busca na literatura recente que abordasse questões relacionadas ao meio urbano e às relações sociais de idosos. As bases de dados *PsycINFO*, *Science Direct* e *Applied Social Sciences Index and Abstracts* (ASSIA) foram consultadas e as buscas ocorreram entre novembro de 2017 e janeiro de 2018; a mesma busca foi repetida entre dezembro de 2018 e janeiro de 2019 para que todos os artigos publicados em 2018 fossem contemplados. Em todas as bases foram utilizados os seguintes descritores: “*elderly*”, “*urban*”, “*social relationship*”, “*social relation*”, “*social interaction*”, “*social support*”, “*environmental gerontology*”, e “*aging in place*”. O campo selecionado para pesquisa foi “*any field*”, visando maximizar o número de publicações encontradas. O operador booleano “*and*” foi utilizado entre cada um dos

descritores, exceto “*environmental gerontology*” e “*aging in place*”, que foram pesquisados separadamente.

Os critérios de inclusão foram os seguintes: a) artigo completo nacional ou internacional; b) publicado em línguas inglesa, espanhola ou portuguesa; c) datado de 2012 a 2018. Essa busca inicial resultou em 2190 artigos (*PsycINFO*: 242, *Science Direct*: 1264, *ASSIA*: 684), sendo 924 repetidos, totalizando 1266 artigos únicos. O software *EndNote X9* foi utilizado para organização das referências encontradas. Todos os títulos foram lidos para checar sua compatibilidade com a pesquisa, sendo selecionados 126 artigos potencialmente relevantes (Figura 1). Aplicaram-se então os critérios de exclusão: a) artigo incompleto ou indisponível; b) temas relacionados à saúde, que apesar de importantes fogem do foco em aspectos psicossociais desta pesquisa; c) participantes não incluíam idosos ou incluíam uma população de idade variada; d) pesquisas desenvolvidas em área rural; e) participantes hospitalizados ou que viviam em instituições de longa permanência para idosos; f) foco em uma população específica, como idosos demenciados.

Após a leitura do resumo, 84 artigos foram selecionados para a leitura completa do texto, desses 31 foram utilizados nesta revisão. A busca foi complementada por outros 4 artigos (Figura 1) que foram inclusos advindos de referências e que se julgou serem relevantes para a pesquisa.

Figura 1 – Fluxograma da seleção de artigos

Fonte: Mariana Alves da S. do Nascimento, 2018

2.3 RESULTADOS

35 artigos se enquadraram nos critérios de inclusão e exclusão e fazem parte desta revisão. Cabe destacar que apenas um desses é brasileiro, e que foi acrescentado através das referências, deixando evidente a baixa exposição das pesquisas nacionais sobre o assunto em âmbito internacional. Esses artigos foram divididos em descritivos ($n=10$) ou empíricos ($n=25$), e categorizados de acordo com os principais temas abordados, sendo eles: aspectos sociais e a vizinhança ($n=13$), aspectos físicos e a vizinhança ($n=8$), teorias/conceitos de Gerontologia Ambiental ($n=6$), *aging in place* ($n=4$) e modelos de AIP ($n=4$), sendo apenas 2 deles artigos de revisão, conforme descrito nos Quadros 1 e 2.

Quadro 1 – Publicações utilizadas na revisão de literatura encontradas em referências ordenadas por ano de publicação e autores

Autores	Título	Ano	Desenho	Tema	População
Behler, R. L.; York Cornwell, E.	Urbanism, neighborhood context, and social networks	2015	Empírico	Aspectos sociais e vizinhança	2.580
Iecovich, E.	Aging in place: from theory to practice	2014	Descritivo	Teorias/conceitos de GA	-
Batistoni, S. S. T.	Gerontologia Ambiental: panorama de suas contribuições para a atuação do gerontólogo	2014	Descritivo	Teorias/conceitos de GA	-
Burns, V. F.; Lavoie, J.P.; Rose, D.	Revisiting the role of neighbourhood change in social exclusion and inclusion of older people	2012	Empírico	Aspectos sociais e vizinhança	30

Fonte: Mariana Alves da S. do Nascimento, 2018

Dos artigos selecionados, 14 foram encontrados na base de dados *Science Direct*, 10 na PsycINFO e 7 na ASSIA. A maioria das publicações tem origem nos Estados Unidos

($n=13$), seguido por Reino Unido ($n=6$), porém outros países também se destacam como Holanda ($n=3$), Austrália ($n=2$), Hong Kong ($n=2$) e China ($n=2$). Os anos de 2012, 2014 e 2015 foram os que mais concentraram publicações, com o total de 6 publicações em cada ano.

Quanto aos estudos empíricos, 12 deles apresentavam um número de participantes superior a 100, sendo o maior deles com cerca de 25.600 participantes (TOMASZEWSKI, 2013). Em geral, os estudos com número elevado de participantes tratavam-se de estudos longitudinais com extensas bases de dados. 13 estudos apresentavam n inferior a 100 participantes, sendo o menor número de 12 participantes (VINE, BUYS e AIRD, 2012), a maioria de corte transversal e delineamentos qualitativo, como estudos de caso, pesquisa etnográfica, grupos focais e *photovoice*.

Quadro 2 – Publicações utilizadas na revisão de literatura encontradas nas bases de dados *PsycINFO*, *ASSIA* e *Science Direct*, ordenadas por ano e autores

Autores	Título	Ano	Base de dados	Desenho	Tema	População
Jiang, N.; Lou, V. W. Q.; Lu, N.	Does social capital influence preferences for aging in place? Evidence from urban China	2018	ASSIA	Empírico	Aspectos sociais e vizinhança	456
Smith, R. J.; Lehning, A. J.; Kim, K.	Aging in place in gentrifying neighborhoods: implications for physical and mental health	2018	PsycINFO	Empírico	Aspectos sociais e vizinhança	6.810
Sun, Y.; Phillips, D. R.; Wong, M.	A study of housing typology and perceived age-friendliness in an established Hong Kong new town: a person-environment perspective	2018	Science Direct	Empírico	Aspectos físicos e vizinhança	302
Upenieks, L.; Settels, J.; Schafer, M. H.	For everything a season? A month-by-month analysis of social network resources in later life	2018	Science Direct	Empírico	Aspectos sociais e vizinhança	5.266

Continua

Continuação

Autores	Título	Ano	Base de dados	Desenho	Tema	População
Wanka, A.	Disengagement as withdrawal from public space: rethinking the relation between place attachment, place appropriation, and identity-building among older adults	2018	PsycINFO	Empírico	Aspectos sociais e vizinhança	13
Graham, C. L.; Scharlach, A. E.; Stark, B.	Impact of the Village Model: results of a National Survey	2017	ASSIA	Empírico	Modelos de AIP	1.753
van Hees, S. et al.	Photovoicing the neighbourhood: understanding the situated meaning of intangible places for ageing-in-place	2017	PsycINFO	Empírico	Aspectos físicos e vizinhança	18
Vanleerberghe, P. et al.	The quality of life of older people aging in place: a literature review	2017	PsycINFO	Descritivo (Revisão)	Teorias/conceitos de GA	-

Continua

Continuação

Autores	Título	Ano	Base de dados	Desenho	Tema	População
Zhang, Z.; Zhang J.	Perceived residential environment of neighborhood and subjective well-being among the elderly in China: a mediating role of sense of community	2017	Science Direct	Empírico	Aspectos sociais e vizinhança	720
Buffel, T.; Phillipson, C.	Can global cities be 'age-friendly cities'? Urban development and ageing populations	2016	Science Direct	Descritivo	AIP	-
Campbell, N.; Kim, D.	Designing an ageless social community: adapting a new urbanist social core to suit baby boomers in later life	2016	ASSIA	Empírico	Aspectos físicos e vizinhança	29
Greenfield, E. A.	Support from neighbors and aging in place: can NORC programs make a difference?	2016	PyscINFO	Empírico	Modelos de AIP	41
Powell, K. H.	A new neighborhood every fall: aging in place in a college town	2016	ASSIA	Empírico	Aspectos sociais e vizinhança	71

Continua

Continuação

Autores	Título	Ano	Base de dados	Desenho	Tema	População
Yung, E. H. K.; Conejos, S.; Chan, E. H. W.	Social needs of the elderly and active aging in public open spaces in urban renewal	2016	Science Direct	Empírico	Aspectos sociais e vizinhança	66
Curl, A.; Ward Thompson, C.; Aspinall, P.	The effectiveness of 'shared space' residential street interventions on self-reported activity levels and quality of life for older people	2015	Science Direct	Empírico	Aspectos físicos e vizinhança	36
Lager, D.; Van Hoven, B.; Huigen, P. P. P.	Understanding older adults' social capital in place: obstacles to and opportunities for social contacts in the neighbourhood	2015	Science Direct	Empírico	Aspectos sociais e vizinhança	17
Lehning, A. J.; Smith, R. J.; Dunkle, R. E.	Do age-friendly characteristics influence the expectation to age in place? A comparison of low-income and higher income Detroit elders	2015	PsycINFO	Empírico	Aspectos sociais e vizinhança	1.376

Continua

Continuação

Autores	Título	Ano	Base de dados	Desenho	Tema	População
Milton, S. et al.	A qualitative geographical information systems approach to explore how older people over 70 years interact with and define their neighbourhood environment	2015	Science Direct	Empírico	Aspectos físicos e vizinhança	14
Steels, S.	Key characteristics of age-friendly cities and communities: a review	2015	Science Direct	Descritivo (Revisão)	AIP	-
Benefield, L. E; Holtzclaw, B. J.	Aging in place: merging desire with reality	2014	Science Direct	Descritivo	AIP	-
Diaz Moore, K.	An ecological framework of place: situating environmental gerontology within a life course perspective	2014	PsycINFO	Descritivo	Teorias/conceitos de GA	-
Graham, C. L.; Scharlach, A. E.; Wolf, J. P.	The impact of the "Village" model on health, well-being, service access, and social engagement of older adults	2014	ASSIA	Empírico	Modelos de AIP	282

Continua

Continuação

Autores	Título	Ano	Base de dados	Desenho	Tema	População
Smith, E. K.; Rozek, E. K.; Diaz Moore, K.	Creating SPOTs for successful aging: strengthening the case for developing university-based retirement communities using Social-Physical Place Over Time theory	2014	ASSIA	Descritivo	Modelos de AIP	-
Lager, D.; Van Hoven, B.; Huigen, P. P. P.	Dealing with change in old age: negotiating working-class belonging in a neighbourhood in the process of urban renewal in the Netherlands	2013	Science Direct	Empírico	Aspectos sociais e vizinhança	13
Phillips, J. et al.	Older people and outdoor environments: Pedestrian anxieties and barriers in the use of familiar and unfamiliar spaces	2013	Science Direct	Empírico	Aspectos físicos e vizinhança	54
Tomaszewski, W.	Living environment, social participation and wellbeing in older age: the relevance of housing and local area disadvantage	2013	ASSIA	Empírico	Aspectos sociais e vizinhança	25.599

Continua

Conclusão

Autores	Título	Ano	Base de dados	Desenho	Tema	População
Greenfield, E. A	Using ecological frameworks to advance a field of research, practice, and policy on aging-in-place initiatives	2012	PsycINFO	Descritivo	Teorias/conceitos de GA	-
Temelová, J.; Dvořáková, N.	Residential satisfaction of elderly in the city centre: the case of revitalizing neighbourhoods in Prague	2012	Science Direct	Empírico	Aspectos físicos e vizinhança	225
Vine, D.; Buys, L.; Aird, R.	The use of amenities in high density neighbourhoods by older urban Australian residents	2012	Science Direct	Empírico	Aspectos físicos e vizinhança	12
Wahl, H. W.; Iwarsson, S.; Oswald, F.	Aging well and the environment: toward an integrative model and research agenda for the future	2012	PsycINFO	Descritivo	Teorias/conceitos de GA	-
Wiles, J. L. et al.	The meaning of "aging in place" to older people	2012	PsycINFO	Empírico	AIP	121

Fonte: Mariana Alves da S. do Nascimento, 2018

2.4 DISCUSSÃO

Notou-se que boa parte das pesquisas se apoiaram em fundamentos teóricos de gerontologia ambiental para formular suas hipóteses, o que demonstra um fortalecimento na qualidade das pesquisas e publicações, por outro lado, representa a multiplicidade do campo e a falta de consenso sobre as teorias mais relevantes. Os estudos empíricos encontrados tratavam, em geral, das relações entre aspectos físicos e sociais no contexto da vizinhança de idosos, e seus efeitos sobre o *aging in place*, bem-estar subjetivo e residencial, e qualidade de vida. Entretanto, alguns dos principais conceitos utilizados pelos autores não possuem uma definição única, contudo há um consenso por toda a literatura sobre a importância de tais conceitos na relação indivíduo-ambiente. Alguns desses serão elucidados a seguir.

O primeiro conceito que não tem uma definição clara é o conceito de *vizinhança*, ou ambiente residencial, e alguns pesquisadores a definem como a combinação de características materiais e sociais, não delimitadas fisicamente, que pode incluir o ambiente construído, infraestrutura básica, relacionamentos com vizinhos, aspectos dos arredores, organização local, atividades regulares do dia a dia, entre outros (VINE, BUYS e AIRD, 2012; MILTON *et al.*, 2015; ZHANG e ZHANG, 2017). A vizinhança merece destaque pois muitos idosos permanecem a maior parte de seu tempo ali, sendo esse o principal local onde ocorrem suas trocas sociais (WILES *et al.*, 2012; WANKA, 2018), além disso, diversos estudos apontaram a preferência dos idosos em envelhecer no lugar (BENEFIELD e HOLTZCLAW, 2014; IECOVICH, 2014; LEHNING, SMITH e DUNKLE, 2015).

Amplamente utilizado na literatura, o AIP refere-se em linhas gerais à habilidade do indivíduo em viver em sua casa e/ou comunidade de forma segura, independente e confortável, recebendo serviços e assistência apropriados, promovendo sua autonomia, independentemente de sua idade ou capacidade (WILES *et al.*, 2012; VANLEERBERGHE *et al.*, 2017; JIANG, LOU e LU, 2018). É um conceito amplo, que demonstra que as relações, além de aspectos físicos e funcionais do ambiente, também são importantes na consolidação da vizinhança (WILES *et al.*, 2012). Envelhecer no lugar é interessante pois colabora para a manutenção do senso de independência, identidade, apego ao lugar, suporte social, familiaridade, dando dignidade e segurança, e preservando os relacionamentos e senso de controle do indivíduo (BENEFIELD e HOLTZCLAW, 2014; IECOVICH, 2014; LEHNING, SMITH e DUNKLE, 2015; JIANG, LOU e LU, 2018). Por outro lado, envelhecer no lugar na perspectiva da permanência em casa também pode acarretar efeitos negativos, tais como o

atraso na busca de cuidado quando necessário, sobrecarregando cuidadores informais; enfraquecimento da rede de suporte social com a mudança ou perda de vizinhos, amigos e familiares; barreiras físicas que comprometem o deslocamento; sobrecarga física e emocional ao gerenciar a casa e as atividades diárias, especialmente quando há comprometimento da capacidade física e cognitiva (VANLEERBERGHE *et al.*, 2017), e por isso, apesar de ser a preferência da maioria dos idosos, o *aging in place* não é para todos.

Apesar da sua relevância e disseminação, o AIP apresenta grandes desafios, a começar pelo próprio termo. Estudos mostram que o significado do termo não é tão claro quanto parece, especialmente para os idosos, que muitas vezes podem associar “envelhecer no lugar” (*aging in place*) com “estar preso ao lugar” (*stuck in place*) (LEHNING, SMITH e DUNKLE, 2015; VAN HEES *et al.*, 2017). A escolha por permanecer em sua casa/vizinhança é essencial para o AIP, sendo que aqueles que não fazem esta opção podem sentir-se “presos” por não ter a possibilidade de mover-se ou mudar-se dali, seja por razões biológicas, psicológicas, mas principalmente financeiras.

Nesta perspectiva, outro conceito fundamental é o de *lugar*, que é construído a partir da junção das características físicas e sociais do espaço num processo dinâmico e contínuo ao longo do tempo. O lugar faz parte da vida social das pessoas, de suas memórias, experiências, planos, desejos e ambições. Portanto, no caso dos idosos, manter-se na casa ou vizinhança por escolha, ou seja, no seu lugar, gera o sentimento de pertencimento e o apego às experiências, histórias e memórias construídas ali por cada um individualmente, o que resulta na manutenção da autonomia, identidade e independência, melhorando assim o bem-estar e a qualidade de vida (VAN HEES *et al.*, 2017).

Outro desafio refere-se às iniciativas e políticas para implementar o *aging in place* na prática nas mais diversas comunidades, que devem considerar não apenas a moradia, mas a vizinhança como um todo, ao incluir em suas propostas transporte, oportunidades recreacionais, amenidades, oportunidades para prática de atividades físicas, sociais e culturais e a educação ao longo da vida (WILES *et al.*, 2012). A literatura apresenta diferentes iniciativas baseadas no AIP, como as *Villages*, NORCs, UBRCs, CCRCs, *Cohousing*, *livable communities*, cidades amigas dos idosos, novo urbanismo e novo urbanismo sem idade. Cabe enfatizar abaixo, apenas as iniciativas mais citadas, para mais detalhes sobre outras iniciativas, consultar Smith, Rozek e Moore (2014) e Greenfield (2012).

- *Villages*: Seu foco principal é promover a independência de seus membros e prevenir realocações desnecessárias através do engajamento social em modelo direcionado ao

consumidor, geralmente desenvolvidas e gerenciadas por idosos. Se estabelecem em determinadas comunidades, com delimitações físicas e sociais, e oferecem várias atividades como voluntariado, eventos sociais, transporte, serviços de acompanhamento e zeladoria de residências, além de informações e indicação de prestadores de serviços. O engajamento social, mobilidade e acesso a serviços de saúde foram alguns dos impactos mais notados pelos idosos que participam desse tipo de comunidade, que tem o foco nas questões sociais e não físicas (GRAHAM, SCHARLACH e WOLF, 2014; GRAHAM, SCHARLACH e STARK, 2017).

- *Naturally Occurring Retirement Communities (NORC)*: Esse modelo baseia-se em comunidades com elevado número de idosos, geralmente edifícios ou condomínios de apartamentos, embora não tenham sido planejadas com o propósito de abrigá-los, daí o nome “ocorridas naturalmente”. As NORC geralmente são gerenciadas por organizações (privadas ou sem fins lucrativos) e funcionam formando uma rede de apoio que conta com diversos atores relacionados à comunidade, tais como gestores e donos de condomínios, governo local, provedores de serviços e os próprios idosos, a fim de suprir as necessidades e dar apoio aos moradores mais velhos, melhorando sua qualidade de vida (SMITH, ROZEK e MOORE, 2014; GREENFIELD, 2016), apesar de não fornecerem nenhum serviço específico.

- *University Based Retirement Communities (UBRC)*: São comunidades situadas nas proximidades de faculdades ou universidades e apresentam 5 características comuns: 1) proximidade de cerca de 800 metros a 1 quilômetro do campus; 2) conexão com a universidade através de programas bidirecionais; 3) acesso a cuidado contínuo através de moradia independente, assistida e cuidados especializados; 4) conexão financeira com a universidade ao utilizar seu nome como marca; 5) nível mínimo de conexão com a universidade com 10% de moradores *alumni* (SMITH, ROZEK e MOORE, 2014; POWELL, 2016).

- *Cidade amiga do idoso*: esse modelo busca melhorar as oportunidades de inclusão e participação do idoso na cidade (LEHNING, SMITH e DUNKLE, 2015; STEELS, 2015; BUFFEL e PHILLIPSON, 2016), tornando estruturas e serviços acessíveis e promovendo sua saúde, segurança, participação e aprendizagem ao longo da vida, pilares do envelhecimento ativo. A Organização Mundial da Saúde (OMS) criou em 2008 o Guia Global: Cidade Amiga do Idoso, um instrumento de autoavaliação das cidades, baseado nas opiniões de idosos de diversos países, onde estabeleceu oito tópicos principais a serem considerados na adaptação das cidades, a saber: Transporte, Moradia, Participação Social, Respeito e Inclusão Social,

Participação Cívica e Emprego, Comunicação e Informação, Apoio Comunitário e Serviços de Saúde, Espaços Abertos e Prédios (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2008).

- *Novo Urbanismo e Novo Urbanismo Sem Idade*: apesar de não terem sido criados com foco na população idosa, os princípios do Novo Urbanismo buscam criar vizinhanças que sejam adequadas para todas as idades. Baseiam-se na criação de comunidades que deem preferência ao transporte público e à caminhada para o deslocamento, permitindo os encontros e as trocas sociais espontâneas. Prega o uso misto com alta densidade urbana, localizando áreas comerciais/serviços a uma distância de 10 minutos de caminhada das residências (CAMPBELL e KIM, 2016). Utilizando as premissas do Novo Urbanismo, Campbell e Kim (2016) realizaram uma pesquisa com idosos em grupos focais e com base nisso propuseram o modelo de Novo Urbanismo Sem Idade, que identifica fatores que ajudam a promover as relações sociais dos mais velhos, sendo eles: a) fatores de localização – proximidade a comércios e serviços, como restaurantes e cafés, locais de lazer, escolas e transporte; b) fatores sociais – diversidade de habitantes e encontros com vizinhos; c) fatores de design – espaços multifuncionais que agreguem diversas atividades e que tenham áreas mais privativas para conversas; d) fatores programáticos – organização de eventos e atividades comunitárias.

2.4.1 Aspectos físicos

Os aspectos físicos e tangíveis da vizinhança, sejam eles funcionais ou estéticos, podem afetar os idosos (positiva ou negativamente) de diversas formas. Como dito anteriormente, esses elementos influenciam o bem-estar, a satisfação residencial, a qualidade de vida, o comportamento e as relações sociais dos mais velhos.

Características como moradias, distribuição e acesso a amenidades, conectividade e caminhabilidade das ruas, oferta de praças e parques, densidade populacional, tipos e alturas das construções, uso e ocupação do solo, tráfego, travessias, espaços abertos, transporte, estão entre as principais relatadas pelos autores (CURL, WARD THOMPSON e ASPINALL, 2015; ZHANG e ZHANG, 2017; SUN, PHILLIPS e WONG, 2018). Espaços públicos e abertos de qualidade são fundamentais para o engajamento na vida urbana, a participação social e o exercício de direitos; quando esses locais apresentam problemas podem gerar ansiedade, estresse, medo, depressão, solidão e isolamento nos mais velhos (SUN, PHILLIPS e WONG, 2018).

Segundo Sun, Phillips e Wong (2018), espaços bem projetados e com certas qualidades, como áreas verdes, boa pavimentação, áreas para pedestres, ciclovias, banheiros

públicos e bancos, e iluminação adequada, trazem conforto, são atrativos e dão a sensação de segurança (com a presença de mais pessoas nas ruas, segurança ao caminhar), permitindo que os encontros ocorram (TEMELOVÁ e DVOŘÁKOVÁ, 2012; YUNG, CONEJOS e CHAN, 2016). Complementarmente, Phillips e colaboradores (2013) apontaram que barreiras como sinalização ruim, espaços confusos sem indicação da prioridade para pedestres ou veículos, ruas apertadas, cheias e barulhentas, calçadas danificadas ou pavimentação quebrada, obstáculo nas calçadas, falta de marcos e pontos de referência, deixam os idosos aflitos e ansiosos, fazendo com que evitem utilizar esses locais, mesmo aqueles que tem certa familiaridade com o lugar. A falta de familiaridade não permite que rotinas sejam criadas, consequentemente, não é possível estabelecer uma conexão com o lugar e nem o apego (PHILLIPS *et al.*, 2013).

2.4.2 Aspectos sociais

Segundo Steels (2015), um ambiente social positivo oferece oportunidades para o desenvolvimento, aprendizagem, educação, voluntariado e trabalho, participação e suporte social e trocas intergeracionais. Participar de atividades sociais colabora na manutenção da rede social e na preservação da cognição, levando à boa saúde física e mental, bem-estar, qualidade de vida, e independência (TOMASZEWSKI, 2013). Tomaszewski (2013) mencionou em seu trabalho que ambientes desfavorecidos, em termos de baixa qualidade construtiva e privação da vizinhança, estão associados a baixa participação social e bem-estar na velhice, assim, o acesso a ambientes que favoreçam o suporte social entre a rede de contatos do idoso é fundamental para prevenir o isolamento e a solidão.

Alguns conceitos se destacam dentro da literatura, como o *senso de comunidade*, o *capital social* e a *exclusão social*. O conceito de capital social é definido como o conjunto de fontes de apoio embutidos em sistemas sociais onde existem normas compartilhadas e membros em comum (JIANG; LOU; LU, 2018), e que afeta e é afetado pelo contexto e espaço onde opera (LAGER; VAN HOVEN; HUIGEN, 2015). Comunidade, família e amigos são entendidos como sistemas, pois compartilham valores, normas, crenças e membros em comum. O capital social em uma comunidade pode se expressar, por exemplo, através da confiança, reciprocidade, e atividades sociais disponíveis na comunidade, como participar de organizações, voluntariado e participação social (JIANG; LOU; LU, 2018), e é de particular relevância para o mais velhos por passarem mais tempo em sua vizinhança, o que torna seus

laços com vizinhos muito importantes para receber apoio e combater sentimentos como, por exemplo a solidão (LAGER; VAN HOVEN; HUIGEN, 2015).

Em sua pesquisa com idosos chineses sobre seu desejo em envelhecer no lugar, Jiang, Lou e Lu (2018) apontaram que o capital social (familiar e comunitário) influenciou a expectativa de envelhecer no lugar, e a confiança foi o fator com a maior associação positiva às chances de *aging in place*, demonstrando a importância em estimular programas de voluntariado na comunidade, promover a integração intergeracional e melhorar aspectos físicos do ambiente para estimular o engajamento e a interação social. Já o estudo de Lager, Van Hoven e Huigen (2015) relatou que os idosos avaliaram positivamente suas relações com vizinhos, especialmente os de outras idades, demonstrando que o capital social comunitário também é relevante para a sensação de bem-estar.

Senso de comunidade foi definido por Sarason¹ (1974 *apud* ZHANG; ZHANG, 2017) como a percepção de similaridade com outros, interdependência, pertencimento a uma estrutura social maior e desejo de fazer para outros o que deseja para si. Para alguns estudiosos, senso de comunidade faz parte do capital social ao se conectar com outros componentes tais como eficácia coletiva e participação social, o que gera impactos positivos como felicidade e bem-estar subjetivo em idosos, como relatado no estudo de Zhang e Zhang (2017).

Por outro lado, a vizinhança também pode fomentar o processo de exclusão social dos mais velhos, que ocorre quando há a privação de direitos e recursos, e leva ao isolamento do indivíduo. Burns, Lavoie e Rose (2012) descreveram sete dimensões da exclusão social, a saber: 1) exclusão simbólica – invisibilidade e imagens negativas; 2) exclusão identitária – a pessoa passa a ser classificada ou a pertencer a apenas um grupo (como velho, frágil, dependente); 3) exclusão sociopolítica – barreiras para exercício da cidadania e participação cívica; 4) exclusão institucional – acesso reduzido a serviços, às vezes específicos para seu “grupo”; 5) exclusão econômica – falta de recursos financeiros; 6) exclusão de relações sociais – diminuição ou perda de laços sociais; 7) exclusão territorial – barreiras ambientais, redução da área de vida, restrição à permanecer na vizinhança, insegurança. A exclusão social é preocupante, pois pode levar a desfechos negativos como isolamento, solidão, depressão, e em casos extremos, ao suicídio.

¹ SARASON, S. B. **The psychological sense of community:** Prospects for a community psychology. Oxford: Jossey-Bass, 1974.

Com as mudanças demográficas e sociais que vem ocorrendo mundialmente, vizinhos e amigos passaram a ter um papel proeminente na rede social dos idosos, antes predominantemente familiar. Sendo assim, os benefícios advindos das estruturas sociais disponíveis na vizinhança para os velhos afeta positivamente suas vidas, percepção de saúde, bem-estar e qualidade de vida, diminuindo a exclusão, o isolamento, a solidão e até mesmo a depressão e outras doenças (LAGER, VAN HOVEN e HUIGEN, 2015).

2.4.3 Principais teorias

Visando explicar as relações dos indivíduos com o ambiente, diversos estudiosos desenvolveram teorias e modelos ao longo dos anos com base em diferentes perspectivas (BATISTONI, 2014), entre elas a ecológica, que identifica características ambientais que otimizam o funcionamento do indivíduo, enfatizando os laços afetivos e experimentais com o lugar (LAGER, VAN HOVEN e HUIGEN, 2013). A seguir, destaca-se três das teorias sob a perspectiva ecológica citadas na literatura, teoria ecológica do envelhecimento (ETA), teoria SPOT e teoria *Insideness*.

- ***Ecological Theory of Aging (ETA)***: M. Powell Lawton, grande nome dentro do campo da Gerontologia Ambiental, desenvolveu o modelo de pressão-competência (LAWTON e NAHEMOW, 1973) para explicar a relação entre as características do ambiente e as estratégias de enfrentamento das pessoas, demonstrando como mudanças físicas podem estimular ou não a independência (WILES *et al.*, 2012; SUN, PHILLIPS e WONG, 2018). *Pressão* diz respeito às demandas do ambiente, sejam elas sociais, físicas ou interpessoais; já *competência* trata das capacidades individuais para sobreviver e satisfazer as necessidades da pessoa, como habilidades motoras e cognitivas, psicológicas, ego, etc. (GREENFIELD, 2012; WAHL, IWARSSON e OSWALD, 2012; BATISTONI, 2014; MOORE, 2014; SUN, PHILLIPS e WONG, 2018). A relação entre a pessoa e o ambiente pode gerar a *docilidade ambiental*, quando a pressão do ambiente é muito grande frente a competência do indivíduo, ou *proatividade ambiental*, pois nem sempre o indivíduo é um recipiente passivo das demandas do ambiente e pode alterar seu meio para satisfazer suas necessidades.

Lawton² (1989 *apud* BATISTONI, 2014) também teorizou sobre as 3 funções básicas que os ambientes devem ter: *manutenção*, *suporte* e *estimulação*. A função de manutenção

² LAWTON, M. P. Environmental Proactivity in Older People. In: BENGTON, V. L., SCHAE, K. W. (Eds.). . **The Course of Later Life**. New York: Springer Publisher, 1989. p. 15-23.

trata da previsibilidade e constância do ambiente, permitindo que o indivíduo possa atribuir significados e desenvolva sentimentos de apego, identidade, satisfação residencial, lar e lugar. A função de suporte dita que os ambientes proporcionem as chamadas “próteses ambientais”, características que compensem as competências reduzidas ou perdidas dos indivíduos, promovendo a segurança e independência. Finalmente, a função de estimulação destaca as características dos ambientes que estimulam comportamentos novos ou adaptativos (BATISTONI, 2014).

- *Social-Physical Place Over Time (SPOT)*: desenvolvida no começo do século XXI, essa teoria baseia-se nos conceitos de *pertencimento* e *agência*. Agência trata da habilidade do indivíduo em exercer o controle sobre seu contexto físico ou social, e envolve comportamentos intencionais e proativos (WAHL, IWARSSON e OSWALD, 2012); pertencimento reflete o quão conectada a pessoa se sente, influenciada por seu ambiente físico e pelas relações sociais (WAHL, IWARSSON e OSWALD, 2012; BATISTONI, 2014; MOORE, 2014; SMITH, ROZEK e MOORE, 2014). Conforme se envelhece, as necessidades mudam da busca por agência para a busca por pertencimento, que ocorre através de três conjuntos de dimensões que compõem a relação pessoa-ambiente ao longo do tempo: *estimulação e ativação* - oportunidades para o engajamento e estímulo em atividades físicas e mentais, *segurança e familiaridade* – hábitos, rotinas e repertórios construídos continuamente, eliminação de barreiras físicas e sociais, *continuidade e significado* – apego ao lugar e desejo de estabilidade ao longo da vida (MOORE, 2014; SMITH, ROZEK e MOORE, 2014).

Durante a fase adulta, o indivíduo procura por estímulo e ativação, logo, seu senso de agência é elevado. Já na velhice inicial (60-79 anos), ocorre um equilíbrio das três dimensões devido às mudanças na competência individual, vida social (como aposentadoria) e familiar. Por fim, os mais velhos (80 anos ou mais) sofrem um decréscimo na necessidade de estímulo e ativação e um aumento da necessidade das outras dimensões, ou seja, no senso de pertencimento (WAHL, IWARSSON e OSWALD, 2012). As interações constantes entre pertencimento e agência geram laços com o lugar, autonomia e identidade, aspectos importantes para o bem-estar subjetivo.

Percebe-se que a relação entre agência e pertencimento proposta pela teoria SPOT se relaciona muito com a teoria ETA de Lawton, pois os processos de agência estão relacionados à proatividade e docilidade ambiental, já previamente explanados, porém, a teoria SPOT

aborda as relações indivíduo-ambiente de forma mais complexa, dando olhar para outras dinâmicas, e por isso é considerada como um avanço com relação à teoria ETA.

A teoria SPOT também se relaciona com as teorias de seleção, otimização e compensação (SOC) (BALTES e BALTES, 1990), e seletividade socioemocional (TSS) (CHARLES e CARSTENSEN, 2010) da Psicologia. Ao adaptar o ambiente para manter o controle através da agência, o indivíduo está praticando SOC ao selecionar seus meios e possibilidades, otimizando recursos e a compensando incapacidades; igualmente, ao focar em processos de pertencimento ao envelhecer, o idoso se volta para atividades e ambientes sócio-físicos que lhes conferem mais valor, selecionando aqueles que prefere e que trazem bem-estar e emoções positivas, minimizando o estresse e as emoções negativas (WAHL, IWARSSON e OSWALD, 2012; UPENIEKS, SETTELS e SCHAFER, 2018).

- **Teoria *Insideness*:** desenvolvida por Rowles (1983) para conceituar *apego ao lugar* através de três componentes: *autobiográfico, físico e social*. O componente social está relacionada às relações sociais desenvolvidas, às regras de comportamento, e ao “reconhecer e ser reconhecido” na comunidade; o componente físico diz respeito às rotinas e hábitos criados ao se viver no mesmo lugar por longos períodos de tempo, levando ao domínio do ambiente; componente autobiográfico se relaciona ao apego ao lugar por conta de memórias pessoais vinculadas (BURNS, LAVOIE e ROSE, 2012; LEHNING, SMITH e DUNKLE, 2015). Esses aspectos ajudam a desenvolver a identidade do indivíduo, visto que os laços criados com o lugar podem causar a sensação de familiaridade, segurança, controle e continuidade. Isto é muito importante para idosos, pois ajuda a aliviar impactos negativos de perdas cognitivas e físicas, traz senso de pertencimento, colabora com a preservação de lembranças do curso de vida, e tem impacto positivo sobre o *self*, melhorando assim seu bem-estar subjetivo (BURNS, LAVOIE e ROSE, 2012; LAGER, VAN HOVEN e HUIGEN, 2013; IECOVICH, 2014).

2.4.4 Limitações das pesquisas

Muitos dos estudos encontrados ($n=13$) apresentaram um baixo número de participantes (média de 31 participantes), o que demonstra a dificuldade de alguns autores em conseguir participantes para realizar as pesquisas (VINE, BUYS e AIRD, 2012; LAGER, VAN HOVEN e HUIGEN, 2013; CURL, WARD THOMPSON e ASPINALL, 2015; WANKA, 2018).

Outra limitação constatada foi a falta de instrumentos, indicadores e protocolos validados e capazes de serem generalizados e utilizados em pesquisas distintas para fins de comparação. A falta destas ferramentas acaba levando à utilização e criação de protocolos únicos a critério do autor, que julga o que deve ser pertinente e atende sua pesquisa (STEELS, 2015). Assim, apesar dos estudos trazerem informações importantes e detalhadas sobre diversos contextos e intervenções focadas no AIP, a mensuração da efetividade destas iniciativas fica prejudicada sem indicadores confiáveis e robustos.

Ainda, há uma falta de estudos realizados em países em desenvolvimento, como também constatado por Steels (2015). A falta de modelos e estruturas baseados nos países em desenvolvimento prejudica o avanço da ciência nesses locais, as pesquisas publicadas em países desenvolvidos acabam se tornando de difícil reprodução em outros contextos por uma série de fatores. A autora aponta que o ideal seria criar modelos replicáveis tanto para países desenvolvidos quanto em desenvolvimento, mas é sabida que as diferenças e particularidades socioeconômicas, educacionais, geográficas, e culturais de cada país pode dificultar esse cenário.

2.4.5 Apontamentos futuros

Os pesquisadores da área da gerontologia ambiental enfrentam vários desafios para o futuro, especialmente aqueles que se encontram em países em desenvolvimento, como é o caso da América Latina e do Brasil. Com o aumento do número de idosos nas cidades e o acentuado desenvolvimento urbano haverá também um aumento no número de sujeitos vulneráveis sofrendo exclusão social e desalojamento, idosos presos ao lugar, realocados contra sua vontade, moradores de vizinhanças conturbadas e degradadas (SMITH, LEHNING e KIM, 2018; SUN, PHILLIPS e WONG, 2018). Por isso, estudar os diferentes contextos onde os idosos vivem e desejam envelhecer no lugar será importante para colaborar no delineamento de iniciativas e políticas públicas que promovam o AIP, melhorando o ambiente físico e social desses locais. Nesse ponto, Greenfield (2016) complementa ao reportar a importância do desenvolvimento e aplicação de programas onde vizinhos possam se ajudar mutuamente com tarefas como ir ao mercado ou às compras, dar carona, cozinhar, chamar ajuda ou simplesmente checar como o outro está, desta forma, o capital social e o suporte será estimulado na vizinhança, preservando e incentivando as relações, beneficiando idosos e outros moradores.

No entanto, para que isto ocorra, Steels (2015) salienta a importância da formulação

de modelos e instrumentos generalistas para a realização das pesquisas, e do desenvolvimento de indicadores robustos, métricas rígidas e guias de interpretação e aplicação para a avaliação destas iniciativas, pois sem uma avaliação rigorosa desses programas será difícil mensurar seu impacto sobre a vida dos idosos.

2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo propôs-se a apresentar uma revisão *scoping* da literatura a respeito das relações sociais no meio urbano, descrevendo quais são os aspectos físicos e sociais mais estudados e as principais teorias e conceitos utilizados pelos autores, buscando responder as quatro perguntas de pesquisa nortearam este trabalho: a) Quais são os principais aspectos físicos e sociais que os autores mais têm estudado na relação ambiente-idoso? b) Quais são as principais teorias e conceitos encontrados na literatura? c) Quais são as limitações das pesquisas na área da Gerontologia Ambiental? e d) Quais são os apontamentos para futuros indicados pelos autores?

Foi observado que as características sócio-físicas do ambiente afetam o bem-estar, a satisfação residencial, a qualidade de vida, o comportamento e as relações sociais dos mais velhos. Desde elementos macro, como a distribuição e o acesso a comércio e serviços, transporte e uso e ocupação do solo, até elementos micro como a acessibilidade e caminhabilidade das ruas foram relatados pelos autores como importantes para o envelhecer no lugar. Quanto aos aspectos sociais, o capital social, o senso de comunidade e a exclusão social apareceram como fatores relevantes para a compreensão do estabelecimento e manutenção das relações sociais no meio urbano, de forma que a diminuição dos dois primeiros aspectos pode ocasionar o terceiro, trazendo desfechos negativos como o isolamento e a depressão.

As principais teorias abordadas na literatura são as de perspectiva ecológica, teoria ecológica do envelhecimento de Lawton (1973), teoria SPOT de Wahl e colaboradores (2012), e teoria *Insideness* de Rowles (1983), que identificam características ambientais que otimizam o funcionamento do indivíduo, enfatizando os laços afetivos e experimentais com o lugar.

Quanto às limitações das pesquisas utilizadas na revisão, notou-se um número baixo de participantes nas pesquisas empíricas, a falta de instrumentos, protocolos e indicadores generalistas que possam ser utilizados em pesquisas em diferentes contextos, e a predominância de publicações de países desenvolvidos, demonstrando que os países em

desenvolvimento ainda precisam focar-se mais nas questões do ambiente sócio-físico e seu impacto nas relações sociais na velhice. Sabe-se que este próprio artigo também apresenta certas limitações, como a utilização de determinadas bases de dados e descritores, além disso, a busca ter sido realizada pela primeira autora pode acarretar certo enviesamento na seleção dos artigos, ocasionando na exclusão de alguns artigos interessantes durante o processo.

Conclui-se que a gerontologia ambiental é um campo proeminente que tem se expandido e que enfrenta vários desafios, mas tem se demonstrado fundamental na compreensão do efeito da relação idoso-ambiente urbano sobre os relacionamentos na velhice nos diferentes cursos de vida (BATISTONI, 2014). As forças que atuam no ambiente urbano são complexas e dinâmicas, e envolvem diversos atores, porém todos aqueles envolvidos no planejamento e construção dos espaços da cidade devem prestar mais atenção às necessidades físicas e sociais dos mais velhos, envolvendo idosos da comunidade e gerontólogos na elaboração de seus projetos (STEELS, 2015; CAMPBELL e KIM, 2016), com a intenção de que eles atendam não só um público específico mas sim todas as idades, criando modelos de “vizinhanças amigas do envelhecimento”, não apenas da velhice. Desta forma, todas as pessoas terão suas necessidades básicas atendidas, poderão estabelecer e manter relações significativas e participarão da comunidade conforme envelhecem, levando à boa qualidade de vida (BUFFEL e PHILLIPSON, 2016).

REFERÊNCIAS

BALTES, P. B.; BALTES, M. M. Psychological perspectives on successful aging: The model of selective optimization with compensation. In: BALTES, P. B. e BALTES, M. M. (Ed.). **Successful aging**. Cambridge: Cambridge University, 1990. p.1-34.

BATISTONI, S. S. T. Gerontologia Ambiental: panorama de suas contribuições para a atuação do gerontólogo. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 17, n. 3, p. 647-657, 2014.

BENEFIELD, L. E.; HOLTZCLAW, B. J. Aging in place: merging desire with reality. **Nurs Clin North Am**, v. 49, n. 2, p. 123-31, 2014.

BUFFEL, T.; PHILLIPSON, C. Can global cities be ‘age-friendly cities’? Urban development and ageing populations. **Cities**, v. 55, p. 94-100, 2016.

BURNS, V. F.; LAVOIE, J. P.; ROSE, D. Revisiting the role of neighbourhood change in social exclusion and inclusion of older people. **J Aging Res**, v. 2012, p. 148287, 2012.

CAMPBELL, N.; KIM, D. Designing an Ageless Social Community: Adapting a New Urbanist Social Core to Suit Baby Boomers in Later Life. **Journal of Housing For the Elderly**, v. 30, n. 2, p. 156-174, 2016.

CHARLES, S. T.; CARSTENSEN, L. L. Social and emotional aging. **Annu Rev Psychol**, v. 61, p. 383-409, 2010.

CORNWELL, E. Y.; BEHLER, R. L. Urbanism, Neighborhood Context, and Social Networks. **City Soc (Wash)**, v. 14, n. 3, p. 311-335, 2015.

CURL, A.; WARD THOMPSON, C.; ASPINALL, P. The effectiveness of 'shared space' residential street interventions on self-reported activity levels and quality of life for older people. **Landscape and Urban Planning**, v. 139, p. 117-125, 2015.

GRAHAM, C. L.; SCHARLACH, A. E.; STARK, B. Impact of the Village Model: Results of a National Survey. **Journal of Gerontological Social Work**, v. 60, n. 5, p. 335-354, 2017.

GRAHAM, C. L.; SCHARLACH, A. E.; WOLF, J. P. The Impact of the "Village" Model on Health, Well-Being, Service Access, and Social Engagement of Older Adults. **Health Education and Behavior**, v. 41, n. 1 Suppl, p. 91S-7S, 2014.

GREENFIELD, E. A. Using ecological frameworks to advance a field of research, practice, and policy on aging-in-place initiatives. **The Gerontologist**, v. 52, n. 1, p. 1-12, 2012.

_____. Support from neighbors and aging in place: Can NORC programs make a difference? **The Gerontologist**, v. 56, n. 4, p. 651-659, 2016.

IECOVICH, E. Aging in place: From theory to practice. **Anthropological Notebooks**, v. 20, n. 1, p. 21-33, 2014.

JIANG, N.; LOU, V. W. Q.; LU, N. Does social capital influence preferences for aging in place? Evidence from urban China. **Aging & Mental Health**, v. 22, n. 3, p. 405-411, 2018.

LAGER, D.; VAN HOVEN, B.; HUIGEN, P. P. P. Dealing with change in old age: Negotiating working-class belonging in a neighbourhood in the process of urban renewal in the Netherlands. **Geoforum**, v. 50, p. 54-61, 2013.

_____. Understanding older adults' social capital in place: Obstacles to and opportunities for social contacts in the neighbourhood. **Geoforum**, v. 59, p. 87-97, 2015.

LAWTON, M. P.; NAHEMOW, L. Ecology and the aging process. In: (Ed.). **The psychology of adult development and aging**, cap. 020, p.619-674., 1973.

LEHNING, A. J.; SMITH, R. J.; DUNKLE, R. E. Do age-friendly characteristics influence the expectation to age in place? A comparison of low-income and higher income detroit elders. **Journal of Applied Gerontology**, v. 34, n. 2, p. 158-180, 2015.

MILTON, S. et al. A qualitative geographical information systems approach to explore how older people over 70 years interact with and define their neighbourhood environment. **Health & Place**, v. 36, p. 127-133, 2015.

MOORE, K. D. An ecological framework of place: Situating environmental gerontology within a life course perspective. **International Journal of Aging & Human Development**, v. 79, n. 3, p. 183-209, 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Guia global : cidade amiga do idoso**. Genebra: OMS, 2008.

PHILLIPS, J. et al. Older people and outdoor environments: Pedestrian anxieties and barriers in the use of familiar and unfamiliar spaces. **Geoforum**, v. 47, p. 113-124, 2013.

POWELL, K. H. A New Neighborhood Every Fall: Aging in Place in a College Town. **Journal of Gerontological Social Work**, v. 59, n. 7-8, p. 537-553, 2016.

RIBEIRO, J. L. P. Revisão de investigação e evidência científica. **J Psicologia, Saúde e Doenças**. v. 15, p. 671-682, 2014.

ROWLES, G. D. Place and personal identity in old age: Observations from Appalachia. **Journal of Environmental Psychology**, v. 3, n. 4, p. 299-313, 1983.

SMITH, E. K.; ROZEK, E. K.; MOORE, K. D. Creating SPOTs for Successful Aging: Strengthening the Case for Developing University-Based Retirement Communities Using Social-Physical Place Over Time Theory. **Journal of Housing For the Elderly**, v. 28, n. 1, p. 21-40, 2014.

SMITH, R. J.; LEHNING, A. J.; KIM, K. Aging in place in gentrifying neighborhoods: Implications for physical and mental health. **The Gerontologist**, v. 58, n. 1, p. 26-35, 2018.

STEELS, S. Key characteristics of age-friendly cities and communities: A review. **Cities**, v. 47, p. 45-52, 2015.

SUN, Y.; PHILLIPS, D. R.; WONG, M. A study of housing typology and perceived age-friendliness in an established Hong Kong new town: A person-environment perspective. **Geoforum**, v. 88, p. 17-27, 2018.

TEMELOVÁ, J.; DVOŘÁKOVÁ, N. Residential satisfaction of elderly in the city centre: The case of revitalizing neighbourhoods in Prague. **Cities**, v. 29, n. 5, p. 310-317, 2012.

TOMASZEWSKI, W. Living Environment, Social Participation and Wellbeing in Older Age: The Relevance of Housing and Local Area Disadvantage. **Journal of Population Ageing**, v. 6, n. 1-2, p. 119-156, 2013.

UPENIEKS, L.; SETTELS, J.; SCHAFER, M. H. For everything a season? A month-by-month analysis of social network resources in later life. **Social Science Research**, v. 69, p. 111-125, 2018.

VAN HEES, S. et al. Photovoicing the neighbourhood: Understanding the situated meaning of intangible places for ageing-in-place. **Health & Place**, v. 48, p. 11-19, 2017.

VANLEERBERGHE, P. et al. The quality of life of older people aging in place: A literature review. **Quality of Life Research**, v. 26, n. 11, p. 2899-2907, 2017.

VINE, D.; BUYS, L.; AIRD, R. The use of amenities in high density neighbourhoods by older urban Australian residents. **Landscape and Urban Planning**, v. 107, n. 2, p. 159-171, 2012.

WAHL, H. W.; IWARSSON, S.; OSWALD, F. Aging well and the environment: toward an integrative model and research agenda for the future. **The Gerontologist**, v. 52, n. 3, p. 306-16, 2012.

WANKA, A. Disengagement as withdrawal from public space: Rethinking the relation between place attachment, place appropriation, and identity-building among older adults. **The Gerontologist**, v. 58, n. 1, p. 130-139, 2018.

WILES, J. L. et al. The meaning of "aging in place" to older people. **The Gerontologist**, v. 52, n. 3, p. 357-366, 2012.

YUNG, E. H. K.; CONEJOS, S.; CHAN, E. H. W. Social needs of the elderly and active aging in public open spaces in urban renewal. **Cities**, v. 52, p. 114-122, 2016.

ZHANG, Z.; ZHANG, J. Perceived residential environment of neighborhood and subjective well-being among the elderly in China: A mediating role of sense of community. **Journal of Environmental Psychology**, v. 51, p. 82-94, 2017.

3 DO VELHO PARA O NOVO: O PROCESSO DE *STUDENTIFICATION* DO BAIRRO NA PERSPECTIVA DE MORADORES IDOSOS

RESUMO

As cidades passam por diversas transformações ao longo do tempo, o que leva ao desenvolvimento de diferentes tipos de vizinhança, e muitas delas abrigam um número elevado de moradores idosos. Bairros próximos a universidades sofrem um processo de transformação urbana e social chamado *studentification*, que ocorre quando há a concentração de estudantes universitários vivendo em moradias alugadas, causando mudanças culturais, econômicas, físicas e morfológicas. Tais mudanças podem afetar a capacidade do indivíduo em envelhecer no lugar (*aging in place*) e os relacionamentos dos idosos, cujo papel é fundamental para o bem-estar e a qualidade de vida na velhice. Este artigo apresenta um estudo de caso de um bairro vizinho a uma universidade pública e explora o efeito do processo de *studentification* no ambiente sócio-físico e nas relações sociais dos idosos que ali envelhecem. Trata-se de um estudo de caráter qualitativo, exploratório, transversal e descritivo. A amostra foi composta por 21 idosos, recrutados por conveniência. Os dados foram coletados através de entrevistas utilizando roteiro semiestruturado desenvolvido com base em revisão bibliográfica, e analisados através da técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016). Foram criadas 4 categorias: ambiente do bairro, relações, pertencimento e segurança, e 11 subcategorias. O maior número de variáveis encontra-se na categoria ambiente do bairro (n=149), sendo a subcategoria “incômodos” a com maior número de ocorrências (39,60%). Dentro da categoria relações, a subcategoria “relações com vizinhos” se destacou com 56 unidades de análise (44,44%). Na categoria pertencimento, o destaque ficou com a categoria “envelhecer no lugar”, com 24 unidades de análise (48%). Já na categoria segurança, a subcategoria “insegurança” teve 24 (77,42%) unidades de análise. Os resultados obtidos sugerem que as relações com vizinhos no bairro já eram fracas antes do processo de *studentification*, não tendo afetado a escolha por envelhecer no lugar. As mudanças no ambiente também não foram fatores primordiais para esta escolha, mas sim o apego e o senso de pertencimento. Considera-se que o processo de *studentification* na verdade oferece uma oportunidade para a promoção do capital social e suporte na comunidade através das trocas intergeracionais, desde que o ambiente sócio-físico seja trabalhado de forma que não perca a familiaridade para os idosos, mas seja capaz de fornecer estímulos para a criação

e manutenção dos vínculos com o lugar.

Palavras-chave: Idoso. *Studentification*. Transformação Urbana. Relações sociais. *Aging in place*.

ABSTRACT

The cities go through several changes over time, which leads to the development of different types of neighborhood, and many of them house a large number of elderly residents. Neighborhoods near universities suffer a social and urban transformation process called studentification, that occurs when there is a concentration of students living in rented housing, causing cultural, economic, physical and morphological changes. Such changes may affect the ability of the individual to age in place and the relationships of the elderly, which role is critical to the well-being and quality of life in old age. This article presents a case study of a neighborhood close to a public university and explores the effects of the studentification process in the socio-physical environment and the social relations of the elderly who age there. This is a qualitative, exploratory, transversal and descriptive study. The sample was composed of 21 elderly citizens, recruited by convenience. The data were collected through interviews using semi structured script developed based on the literature review and analyzed through Bardin's (2016) content analysis technique. 4 categories were created: the neighborhood environment, relationships, belonging and security, and 11 subcategories. The largest number of variables is found in neighborhood environment category (n = 149), the subcategory "nuisance" has the largest number of occurrences (39.60%). Within the relations category, the subcategory "relations with neighbours" stood out with 56 units of analysis (44.44%). In the category of belonging, the highlight was the category "aging in place", with 24 units of analysis (48%). In the security category, the subcategory "insecurity" had 24 (77.42%) units of analysis. The results suggest that relations with neighbors in the neighborhood were already weak before the process of studentification and have not affected the choice for aging in place. The changes in the environment were not the primary factors for this choice, but attachment and sense of belonging. It is considered that the process of studentification actually provides an opportunity for the promotion of social capital and community support through intergenerational exchanges, as long as the social and physical environment is operated in a way that it does not lose the familiarity to the elderly but is capable of providing encouragement for the creation and maintenance of bonds with place.

Keywords: Elderly. Studentification. Urban transformation. Social relations. Aging in place.

3.1 INTRODUÇÃO

As cidades têm crescido e se desenvolvido em grandes proporções nos últimos anos, tendência que continuará nos próximos (GEHL, 2013). Essa expansão deu margem à uma série de transformações no espaço urbano, como a criação de novos bairros, reurbanização de outros, gentrificação, especulação imobiliária, etc. Gehl (2013) afirma que com isso “a tradicional função do espaço da cidade como local de encontro e fórum social para os moradores foi reduzida, ameaçada ou progressivamente descartada” (GEHL, 2013, p.3).

Estas transformações do espaço afetam o ambiente social e físico de quem ali habita, causando diferentes percepções em diferentes pessoas, refletindo em padrões de comportamento que traduzem os estímulos recebidos do ambiente (BESTETTI, 2014), impactando nos laços sociais e emocionais estabelecidos com o lugar (LAGER, VAN HOVEN e HUIGEN, 2013). Mudanças rápidas e intensas no ambiente urbano podem levar o idoso a perder a familiaridade com o lugar, afetando o senso de pertencimento e as relações sociais, o que aumenta a probabilidade de isolamento (LAGER, VAN HOVEN e HUIGEN, 2013), sentimentos como insegurança, desorientação espacial, perda da independência e exclusão social (PHILLIPS *et al.*, 2013).

As relações sociais são importantes, especialmente na velhice, pois influenciam na saúde, bem-estar, qualidade de vida, aumentando a expectativa de vida, reduzindo situações de estresse, diminuindo ou retardando o aparecimento de doenças, melhorando a capacidade cognitiva, entre outros benefícios que promovem a satisfação com a vida e a felicidade (CHARLES e CARSTENSEN, 2010). A vizinhança tem então papel fundamental nesse quesito, já que boa parte das oportunidades de encontro e relacionamento dos idosos ocorre no bairro, que tendem a permanecer em sua residência e arredores por mais tempo (TOMASZEWSKI, 2013). Além disso, diversos estudos comprovaram a preferência dos idosos por envelhecer no lugar (WILES *et al.*, 2012; BENEFIELD e HOLTZCLAW, 2014; IECOVICH, 2014; CAMPBELL, 2015; POWELL, 2016; JIANG, LOU e LU, 2018; SMITH, LEHNING e KIM, 2018), o chamado *aging in place* (AIP).

Aging in place refere-se à opção do indivíduo de viver em sua casa e/ou comunidade de forma segura, independente e confortável, recebendo serviços e assistência apropriados, suprimindo suas necessidades, promovendo sua autonomia, independentemente de sua idade ou capacidade pelo maior tempo possível (VANLEERBERGHE *et al.*, 2017; JIANG, LOU e LU, 2018). Wiles e colaboradores (2012) definem *aging in place* como um processo complexo

que não diz respeito apenas à relação com a casa propriamente dita, mas sim à contínua reintegração do idoso no lugar e a renegociação de significados e identidade frente às constantes e dinâmicas mudanças nos ambientes social, cultural, político, econômico e pessoal de cada um. Idosos preferem envelhecer no lugar pois desta forma preservam o senso de apego, independência, autonomia, segurança através da familiaridade com o lugar e do suporte social estabelecido (JIANG, LOU e LU, 2018).

Gehl (2013) relata que três tipos de atividades incentivam as pessoas a saírem de casa e participarem ativamente da vida na cidade, a saber, atividades necessárias, ou seja, atividades obrigatórias como ir ao trabalho ou à escola, ir ao mercado, esperar por transporte público, que ocorrem sob qualquer condição. As atividades opcionais são aquelas consideradas recreativas, como passear pela cidade ou caminhar em um calçadão de compras. O terceiro tipo são as atividades sociais, que exigem a comunicação com outros e a presença de pessoas no ambiente, o que leva às trocas sociais, seja através da simples observação passiva ou de uma conversa (GEHL, 2013). As atividades opcionais e sociais dependem de um ambiente propício para que ocorram.

Complementarmente, para Lawton (1989, *apud* BATISTONI, 2014) o ambiente deve ter três funções básicas para promover qualidade de vida na velhice: *manutenção*, *estimulação* e *suporte*. A função de *manutenção* dá importância ao vínculo com o lugar, criado através da constância e previsibilidade do ambiente, permitindo que o indivíduo atribua significados e crie sentimentos de pertencimento e apego. A função de *estimulação* propõe que o ambiente aflore novos comportamentos, através de atividades de lazer, sociais e estímulos cognitivos, e interação com o ambiente e com outras pessoas. Já a função de *suporte* colabora para compensar competências perdidas ou reduzidas de forma que promovam segurança, orientação e funcionamento independente (BATISTONI, 2014). Sendo assim, as transformações urbanas devem abrigar as diferentes atividades dos idosos, de forma a preservar as maneiras já existentes e familiares de interagir no espaço físico e social do bairro, considerando não apenas as necessidades físicas e funcionais dos mais velhos, mas também as sociais (LAGER, VAN HOVEN e HUIGEN, 2013; YUNG, CONEJOS e CHAN, 2016).

Nesse contexto, a vizinhança, a casa e os vizinhos tornam-se elementos chave no aspecto social da vida dos idosos (BURNS, LAVOIE e ROSE, 2012). Vizinhos são importantes para o suporte e capital social, especialmente por seu valor funcional, já que a proximidade geográfica lhes permite prover assistência imediata (GREENFIELD, 2016). O capital social, ou o conjunto recursos de apoio embutidos em sistemas sociais, pode se

expressar, por exemplo, através da confiança, reciprocidade, participação social, organizações e atividades sociais disponíveis (JIANG, LOU e LU, 2018). Já o suporte pode ser fornecido de várias maneiras, apesar de haver um predomínio do suporte instrumental associado aos vizinhos (e.g. troca de itens domésticos, dar caronas, fazer compras pelo outro, etc).

3.1.1 *Studentification*: do velho para o novo

Todavia, o que ocorre quando alguns processos de transformação do bairro podem afetar estes domínios sociais dos idosos, principalmente quando há uma drástica mudança no ambiente social do bairro? Um dos processos ainda pouco estudado onde isto ocorre é o chamado *studentification*. Esse termo, cunhado na década de 2000, nomeia o processo de formação de “guetos” estudantis, onde há a concentração de estudantes universitários em determinadas áreas ou bairros de cidades que abriguem grandes universidades (SMITH, 2005; POWELL, 2016).

O *studentification* ocasiona transformações físicas, culturais, sociais, e econômicas, já que traz consigo uma população flutuante de estudantes que muda a cada novo ciclo escolar. A atração de investidores acaba alterando a morfologia e o uso dos espaços nas vizinhanças adjacentes à universidade, substituindo as residências unifamiliares por pequenas unidades individuais para locação (SMITH, 2005), trazendo também aumento do comércio, especialmente bares (POWELL, 2016), causando de certa maneira um processo de gentrificação específico. Estas mudanças afetam a capacidade do indivíduo envelhecer no lugar, e muitas vezes causam o processo chamado de “*stuck in place*”, ou *estar preso ao lugar* (tradução livre da autora), que ocorre quando o idoso acaba permanecendo no lugar contra sua vontade por não ter condições para realocar-se, seja por conta da especulação imobiliária ou por sentir-se acuada em um território que antes lhe era familiar (LEHNING, SMITH e DUNKLE, 2015; POWELL, 2016).

Idosos e estudantes acabam vivendo em universos paralelos, que se cruzam quando há conflitos, mas não se conversam. Os conflitos geracionais causam tensão entre os grupos, gerando desconfiança e perda da coesão comunitária (POWELL, 2016), além de afetar os relacionamentos entre vizinhos, já que muitos dos moradores antigos mudam-se antes dos problemas aparecerem, enfraquecendo os laços sociais daqueles que ficam.

Apesar dos aspectos negativos, os bairros vizinhos a universidades também guardam grandes potencialidades, especialmente quanto a seu desenvolvimento. Além das mudanças na paisagem ocasionadas por investidores com as novas construções, esse tipo de vizinhança

atrai outros moradores, inclusive idosos, por conta das amenidades ali encontradas graças à presença dos estudantes e da universidade, como oferta de moradias, comércios e serviços facilmente alcançáveis a pé, acesso a transporte público e a educação de qualidade. (POWELL, 2016)

Com esta perspectiva, foram criadas nos Estados Unidos as chamadas *University Based Retirement Communities* (UBRC), comunidades de aposentados localizadas nas proximidades de universidades, e que possuem cinco características, a saber: proximidade ao campus principal, programas bidirecionais, acesso ao cuidado contínuo, conexão financeira com a universidade e nível mínimo de conexão entre moradores e universidade (cerca de 10% de moradores que sejam *alumni*, ex-professores ou ex-funcionários) (SMITH, ROZEK e MOORE, 2014).

Embora tenha havido um crescimento nos estudos de tipos diferentes de vizinhanças e seus efeitos sobre o *aging in place*, a literatura pouco tem focado nas vizinhanças adjacentes a universidades e nos processos de gentrificação do espaço, enfatizando mais aqueles que se foram do que aqueles que ficaram (POWELL, 2016; SMITH, LEHNING e KIM, 2018).

Com um caráter inovador, o propósito deste artigo é explorar o efeito do processo de *studentification* no ambiente sócio-físico e nas relações sociais daqueles que envelhecem no lugar, utilizando dados de um estudo de caso de um bairro residencial adjacente à uma universidade pública federal em Santo André, São Paulo. Pretende-se responder as seguintes hipóteses: a) As mudanças no ambiente influenciaram no desejo de continuar envelhecendo no bairro; b) O processo de *studentification* afetou os relacionamentos dos idosos, especialmente com seus vizinhos. Mais especificamente, objetiva-se investigar quais aspectos do ambiente sofreram modificações sob o ponto de vista dos idosos, descrever a relação dos idosos com seus vizinhos e com os estudantes, e verificar se o processo de *studentification* afetou o desejo de envelhecer no lugar. Para isso, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), e os resultados foram discutidos sob a luz da teoria SPOT (WAHL, IWARSSON e OSWALD, 2012).

A teoria Social-Physical Place Over Time (SPOT) trata da relação entre agência, a habilidade do indivíduo exercer controle sobre seu contexto, e pertencimento, o quão conectada a pessoa se sente ao seu ambiente físico e social (WAHL, IWARSSON e OSWALD, 2012; BATISTONI, 2014; MOORE, 2014; SMITH, ROZEK e MOORE, 2014). Com o envelhecimento, as necessidades pessoais variam da busca por agência para a busca por pertencimento, através de três conjuntos de dimensões: *estimulação e ativação* -

oportunidades para o engajamento e estímulo em atividades, *segurança e familiaridade* – hábitos, rotinas e repertórios construídos continuamente, *continuidade e significado* – apego ao lugar e desejo de estabilidade ao longo da vida (MOORE, 2014; SMITH, ROZEK e MOORE, 2014).

Vários estudos têm demonstrado o impacto das características da vizinhança nas relações sociais e comprovado sua importância para a qualidade de vida na velhice, por isso é fundamental compreender como diferentes contextos têm afetado os laços individuais dos idosos que envelhecem no lugar (CORNWELL e BEHLER, 2015), de modo que as transformações, renovações e outras mudanças ocorridas no ambiente do bairro possam atender as necessidades físicas, funcionais, psicológicas e sociais dos idosos que moram e pretendem continuar naquele lugar. Espera-se que este artigo contribua nesse sentido para as pesquisas na área.

3.2 MÉTODOS

Trata-se de um estudo de caso de caráter qualitativo, exploratório, transversal e descritivo. A seguir serão detalhados os métodos utilizados.

3.2.1 Desenho e participantes

Participaram do estudo 21 sujeitos acima de 60 anos, que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: a) ter 60 anos ou mais; b) residir no bairro há pelo menos 10 anos; c) indivíduos autônomos ou com graus de dependência I e II estabelecidos pela Resolução de Diretoria Colegiada (RDC) 283 de 2005 (BRASIL, 2005a)¹; d) aceitar participar da pesquisa e assinar o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Os critérios de exclusão foram: a) não aceitar participar do estudo e/ou não assinar o TCLE; b) ser reprovado no teste de avaliação cognitiva *Cognitive Abilities Screening Instrument – Short Form* (CASI-S) (DE OLIVEIRA *et al.*, 2016). O número de participantes deu-se através da saturação de dados

¹ Segundo a RDC 283 (BRASIL, 2005a), idosos classificados com grau de dependência I são considerados independentes, mesmo que necessitem a ajuda de equipamentos; aqueles com grau de dependência II requerem ajuda de outra pessoa em até três atividades de vida diária (e.g., higiene, alimentação e mobilidade), e podem ter ou não alterações cognitivas desde que controladas; indivíduos autônomos têm o controle de sua própria vida e o poder de tomar decisões.

(FONTANELLA, RICAS e TURATO, 2008), que ocorreu quando novos entrevistados passaram a repetir elementos já mencionados em relatos anteriores.

3.2.2 Instrumentos

Foi elaborado um protocolo de pesquisa para a entrevista com base na literatura, organizado em cinco blocos. O primeiro bloco consistia na busca pelos dados sociodemográficos dos participantes (e.g. idade, sexo, escolaridade, tempo de residência, etc.). O segundo bloco avaliava mudanças cognitivas através do CASI-S, teste utilizado por sua facilidade de aplicação e rapidez (cerca de 5 minutos). O teste avalia orientação temporal, fluência verbal e evocação espontânea de três palavras, se necessário há ajuda semântica (categoria) e reconhecimento das palavras, totalizando um escore máximo de 33 pontos – sujeitos com escore abaixo de 23 eram automaticamente excluídos do estudo (DE OLIVEIRA *et al.*, 2016). Este bloco serviu apenas como critério de inclusão ou exclusão dos participantes, não tendo sido contabilizado na análise de dados.

O terceiro bloco avaliava a satisfação dos participantes, focando na satisfação global com a vida, com a moradia, com o bairro, com os relacionamentos (familiares, vizinhos e amigos), e com o suporte social recebido no bairro, através de uma escala de 1 a 5, sendo 1 “muito pouco” e 5 “muitíssimo”. O quarto bloco investigou o bem-estar residencial em 7 questões, utilizando as mesmas opções de resposta do bloco anterior.

O quinto bloco focou nos impactos da transformação urbana a partir da implantação da universidade, e consistia em perguntas abertas onde o participante expressava sua opinião. Neste bloco, também foram utilizadas as “*Q-Cards*” (PERRACINI, 1994), cartões-estímulo confeccionados em papel com aproximadamente 15 cm x 20 cm (tamanho A5), que contém palavras-chave relacionadas à ambiência, elaboradas a partir da revisão de literatura (e.g. calçadas, comércio, segurança, etc.) (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2008; LAGER, VAN HOVEN e HUIGEN, 2015; CAMPBELL e KIM, 2016; POWELL, 2016; YUNG, CONEJOS e CHAN, 2016). Utilizando os cartões, o participante foi solicitado a expressar o que considerou ter afetado seu bem-estar positivamente, negativamente ou ter permanecido igual com o processo de *studentification*, e posteriormente justificar suas escolhas.

3.2.3 Procedimentos

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo e aprovada em dezembro de 2017 (CAAE: 80716417.7.0000.5390). Foi utilizada a técnica de “bola de neve”, onde um participante indica outros, tendo sido o primeiro sujeito contatado por intermédio do zelador de um condomínio residencial nas proximidades da universidade. As entrevistas foram individuais, e em alguns casos quando casais participavam da pesquisa, cada sujeito respondeu os quatro primeiros blocos individualmente e ambos responderam o quinto bloco em conjunto, complementando suas visões. Todos os participantes assinaram o TCLE e suas entrevistas foram gravadas e transcritas com sua autorização.

3.2.4 Análise de dados

Este estudo utiliza-se dos dados qualitativos referentes ao quinto bloco do protocolo de pesquisa, analisados através do *software* Maxqda 2018, utilizando a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016), que busca identificar categorias emergidas a partir das falas e significações dos participantes, descrita de forma objetiva, sistemática e quantitativa.

A técnica foi executada em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Na fase da pré-análise, será feita uma leitura flutuante. Na exploração do material, foram obedecidas regras de: (a) exaustividade – esgotou-se a totalidade da comunicação, não omitindo nem uma informação; (b) representatividade – o universo da amostra foi representado; (c) homogeneidade – os dados referiram-se ao mesmo tema, foram obtidos por técnicas iguais e empregadas por indivíduos semelhantes; (d) pertinência – as entrevistas foram adaptadas aos objetivos da pesquisa; e (e) exclusividade – um elemento foi classificado em apenas uma categoria.

O material foi explorado e codificado em função das regras supracitadas, sendo feita a escolha pela unidade temática e pela unidade de contexto, coletadas por meio de núcleos de sentido das falas dos participantes. As categorias foram definidas e classificadas de acordo com seus conteúdos e o material das entrevistas foi organizado de acordo com um significado comum, expresso em códigos. A análise qualitativa da informação codificada verificou as ocorrências de cada categoria, a identificação de subcategorias, e a extração dos trechos das entrevistas correspondentes a elas.

Além do cumprimento dessas etapas, o tratamento dos resultados e as interpretações também incluiu a frequência simples das unidades de análise. A ponderação da frequência de

cada unidade traduz um caráter quantitativo (dimensão, número de falas repetidas, isto é, agrupadas pela semelhança do conteúdo expresso nas verbalizações) e qualitativo (direção, classificação dos conteúdos). Os conteúdos analisados foram classificados em *favorável* (aspectos positivos das declarações), *desfavorável* (aspectos negativos das informações) ou *neutra* (conteúdo vago, indefinido, indiferente, indeterminado ou imparcial, que não se expressava nem a favor nem contra). Para Bardin (2016), a análise qualitativa não rejeita toda e qualquer forma de quantificação, assim, será realizada uma análise “quali-quanti” das entrevistas.

Os dados sociodemográficos coletados foram analisado através do software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 17. Com o intuito de descrever o perfil da amostra, as variáveis categóricas (gênero, faixa etária, tipo de moradia, etc.) foram expostas em tabela com valores de frequência absoluta (n) e percentual (%), assim como as variáveis numéricas (idade e tempo de residência), com valores de média e desvio padrão.

3.2.5 Local e contexto

O bairro Bangú (Figuras 1) está localizado em Santo André (SP), cidade do sudeste brasileiro, 25º município mais populoso do país, 5º no estado, com mais de 670.000 habitantes. Segundo dados do último censo demográfico do IBGE (2010), o bairro tinha cerca de 4.100 habitantes em 2010, aproximadamente 20% idosos com 60 anos ou mais.

Figura 1 – Visão aérea do bairro Bangú e pontos de referência em 2015, sem escala

Fonte: Mariana Alves da S. do Nascimento, 2018

A fundação de Santo André data de 1553, e a cidade tem um forte histórico de desenvolvimento relacionado à construção da linha férrea, à proximidade do Rio Tamanduateí, e à industrialização (PREFEITURA DE SANTO ANDRÉ, s.d.). O Bangú localiza-se no vale do rio e próximo a linha férrea, tendo abrigado diversas indústrias nos séculos XIX e XX, o que ocasionou a criação de grandes glebas de terra. Atualmente, poucas indústrias ainda restam na região, e seus antigos terrenos passaram a ser ocupados por diversos empreendimentos comerciais, residenciais, educacionais e de serviços (Figura 2).

Em meados da década de 2000 foi proposta a criação de uma universidade pública na região do ABC paulista. Em 2005 a lei para a criação da universidade foi sancionada e no ano seguinte iniciaram-se as obras do *campus* Santo André (BRASIL, 2005b) da Universidade Federal do ABC (Figura 3), localizado no bairro deste estudo, com previsão de conclusão para o ano de 2010 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC, [s.d.]), o que não ocorreu e as obras seguem ainda hoje. Ocupando um terreno de 77.443,90m², a universidade atrai um público de cerca de 12 mil pessoas (entre funcionários, alunos e professores), mais de três vezes o número de moradores do bairro (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC, 2017). As Figuras 4 e 5 demonstram o avanço na construção da universidade e as mudanças na morfologia do bairro.

Figura 2 – Vista do bairro Bangú, onde nota-se a predominância de construções com baixo gabarito

Fonte: Mariana Alves da Silva do Nascimento, 2019.

Figura 3 – Universidade Federal do ABC, *campus* Santo André

Fonte: Mariana Alves da Silva do Nascimento, 2019.

Figura 4 – Rua Santa Adélia, uma das entradas da universidade, em 2010 e 2017

Fonte: Google Maps, 2018.

Figura 5 – Imagem aérea do bairro Bangú entre os anos de 2004 a 2017, sem escala

Fonte: Mariana Alves da Silva do Nascimento, 2018.

3.3 RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta o perfil sociodemográfico dos participantes, sendo a maioria do gênero feminino (n=15). A idade média dos participantes foi de aproximadamente 69 anos (DP=7,08). A maioria dos participantes eram casados (62%), aposentados (71,43%) e viviam com o cônjuge (38,10%). 10 participantes possuíam ensino superior completo (47,62%), 4 possuíam ensino médio (19,05%), e 7 possuíam apenas o ensino fundamental (33,33%). O tempo médio de residência dos participantes foi de 26,57 anos (DP=14,44), sendo apartamento o tipo de moradia predominante (n=13).

Tabela 1 – Distribuição da amostra segundo variáveis sociodemográficas e domiciliares

Variáveis	n (%)
Gênero	21 (100)
Feminino	15 (71,43)
Masculino	6 (28,57)
Idade	
Média (DP)	69,05 (7,08)
60 a 65 anos	7 (33,33)
66 a 70 anos	9 (42,86)
71 a 75 anos	2 (9,52)
76 a 80 anos	1 (4,76)
≥ de 80 anos	2 (9,52)
Estado civil	
Casado(a)	13 (62,00)
Divorciado(a)	1 (4,76)
Solteiro(a)	2 (9,50)
Viúvo(a)	4 (19,00)
Em branco	1 (4,76)
Grau de escolaridade	
Fundamental	7 (33,33)
Médio	4 (19,05)
Superior	10 (47,62)
Aposentado(a)	
Sim	15 (71,43)
Não	6 (28,57)
Arranjo domiciliar	
Cônjuge	8 (38,10)
Cônjuge e filhos	5 (23,81)
Filhos	3 (14,29)
Sozinho(a)	3 (14,29)
Pais	1 (4,76)
Irmãos	1 (4,76)

Continua

Conclusão

Variáveis	n (%)
Tempo de residência	
Média (DP)	26,57 (14,44)
≤ 15 anos	3 (14,29)
16 a 30 anos	12 (57,14)
31 a 45 anos	3 (14,29)
46 a 60 anos	3 (14,29)
Tipo de Moradia	
Apartamento	13 (61,9)
Casa	8 (38,10)

Fonte: Mariana Alves da Silva do Nascimento, 2019.

Os dados qualitativos do estudo foram organizados em categorias emergidas a partir da análise de conteúdo das falas dos participantes sobre as mudanças ocorridas no bairro com a chegada da universidade, quais aspectos mais sofreram alterações, se essas mudanças afetaram seus relacionamentos e se o bairro é um bom lugar para envelhecer. O Quadro 1 apresenta as categorias elencadas, suas definições, codificações, as subcategorias e exemplos das respostas dadas pelos idosos. Foram criadas 4 categorias, a saber: ambiente do bairro, relações, pertencimento, cada uma com 3 subcategorias cada, e segurança, com 2 subcategorias, totalizando 11 subcategorias.

Quadro 1 – Categorias e subcategorias, definições, códigos e exemplos de respostas emergidas das falas dos participantes

Categorias: definições e códigos	Subcategorias: códigos e exemplos de trechos extraídos das respostas dos participantes
Categoria 1: Ambiente do bairro (Código: A) Definição: Nesta categoria reúne os conteúdos referentes às características relacionadas ao ambiente sócio-físico do bairro, destacando aspectos que valorizaram o bairro, aspectos da paisagem e características importunas e são vistas como incômodos aos moradores.	a) Valorização do bairro (VB): Ex.: “Valorizou o bairro, os imóveis.”
	b) Paisagem (PA): Ex.: “Antes era um bairro que tinha muito idoso aqui, e a faculdade tem muita gente jovem, então o bairro mudou um pouco a cara, do velho para o novo. [...] O que mudou também são essas construções, está mudando a cara do bairro, está até mais bonitinho...”
	c) Incômodos (I): Ex.: “Às vezes é barulho né... incomoda.” “Transporte e trânsito é ‘embaçado’, em dia de aula fica bem carregado.”

Continua

Conclusão

Categorias: definições e códigos	Subcategorias: códigos e exemplos de trechos extraídos das respostas dos participantes
Categoria 2: Relações (Código: R) Definição: Esta categoria abarca conteúdos sobre os relacionamentos dos participantes com seus vizinhos e com os estudantes, além de expressar a opinião e o desejo dos idosos de participar de atividades sociais e esportivas no bairro, demonstrando sua necessidade por estimulação e ativação através do senso de agência.	a) Atividades (AT): Ex.: “Atividades sociais e esportivas, essa eu nunca participei de nada, nunca vi nada interessante aqui no bairro.”
	b) Relações com estudantes (RE): Ex.: “Não tenho contato, eu tinha com o pessoal que morava aqui, mas eles mudam constantemente.”
	c) Relações com vizinhos (RV): Ex.: “A gente conhece assim mais ou menos de ‘bom dia, boa tarde’, [...] porque já saiu muita gente daqui.”
Categoria 3: Pertencimento (Código: P) Definição: Nesta categoria estão reunidos os conteúdos que expressam apego ao lugar, as opiniões sobre envelhecer no lugar, e a demonstração do não reconhecimento do processo de envelhecimento e de si próprio como sujeito idoso.	a) Apego (AP): Ex.: “É bom, eu vou ficar, eu vou envelhecer aqui”
	b) Envelhecer no lugar (EL): Ex.: “Eu mudaria, eu não acho um bom lugar para envelhecer.”
	c) Não se reconhecer como idoso (NI): Ex.: “Quando eu ficar bem velhinha, porque esse ano eu ainda faço 70 anos.”
Categoria 4: Segurança (Código: S) Definição: Esta categoria compreende os conteúdos referentes à questão da segurança e violência no bairro, expresso através dos sentimentos de segurança e insegurança.	a) Sentir-se seguro (SS): Ex.: “Eu tenho mais confiança de sair na rua.”
	b) Insegurança (IN): Ex.: “A violência que aumentou, o assalto.”

Fonte: Mariana Alves da Silva do Nascimento, 2019.

Já na Tabela 2 é possível visualizar a frequência das unidades de análise, separadas por categoria e subcategoria, onde destacam-se as subcategorias “Incômodos” (n=59) e “Relações com vizinhos” (n=56), o que demonstra que as mudanças ocorridas no bairro trouxeram perturbações (e.g. barulho, trânsito, lixo, etc.) e afetaram o relacionamento com os vizinhos. Contraditoriamente, quando diretamente questionados se as transformações haviam afetado suas relações com familiares, amigos e vizinhos, todos os participantes responderam negativamente, apesar de alguns demonstrarem o contrário em outras falas.

Tabela 2 – Frequência das unidades de análise em valor absoluto e porcentagem, separadas por categoria e subcategoria

Categorias e subcategorias	Frequência das unidades de análise	
	n	%
Ambiente do bairro		
Valorização do bairro	40	26,85
Paisagem	50	33,56
Incômodos	59	39,60
Total	149	100,00
Relações		
Atividades	37	29,37
Relações com estudantes	33	26,19
Relações com vizinhos	56	44,44
Total	126	100,00
Pertencimento		
Apego	17	34,00
Envelhecer no lugar	24	48,00
Não se reconhecer como idoso	9	18,00
Total	50	100,00
Segurança		
Sentir-se seguro	7	22,58
Insegurança	24	77,42
Total	31	100,00

Fonte: Mariana Alves da Silva do Nascimento, 2019.

A Tabela 3 apresenta a direção dos conteúdos, classificados entre neutro, favorável e desfavorável, e suas frequências absoluta e porcentagem. A maioria das falas da categoria 1 (n=59) e da categoria 4 (n=20) tiveram conotação desfavorável, já na categoria 2, a maioria dos conteúdos expressaram-se de forma neutra (n=65), a categoria 3 teve maior parte dos conteúdos classificados como favoráveis (n=21). Isso demonstra que os idosos revelaram mais percepções negativas acerca do ambiente do bairro e da segurança, enquanto as falas sobre relacionamentos foram neutras e sobre pertencimento apresentaram aspectos positivos, especialmente tratando-se do apego ao lugar.

Tabela 3 – Classificação dos conteúdos quanto à direção, frequência absoluta e porcentagem

Categorias e subcategorias	Neutro		Favorável		Desfavorável	
	n	%	n	%	n	%
Categoria 1: Ambiente do bairro						
Valorização do bairro	7	13,73	29	59,18	5	8,47
Paisagem	25	49,02	15	30,61	16	27,12
Incômodos	19	37,25	5	10,20	38	64,41
Total	51	100	49	100	59	100
Categoria 2: Relações						
Atividades	16	24,62	5	20,83	10	50,00
Relações com estudantes	14	21,54	12	50,00	3	15,00
Relações com vizinhos	35	53,85	7	29,17	7	0,35
Total	65	100	24	100	20	100
Categoria 3: Pertencimento						
Apego	4	28,57	11	52,38	2	14,29
Envelhecer no lugar	5	35,71	9	42,86	9	64,29
Não se reconhecer como idoso	5	35,71	1	4,76	3	21,43
Total	14	100	21	100	14	100
Categoria 4: Segurança						
Sentir-se seguro	3	37,50	4	100	0	0,00
Insegurança	5	62,50	0	0,00	20	100
Total	8	100	4	100	20	100

Fonte: Mariana Alves da Silva do Nascimento, 2019.

3.4 DISCUSSÃO

O perfil sociodemográfico dos participantes demonstra a predominância da chamada geração *baby boomer*, nascida entre o final da década de 1940 e o começo da década de 1960 (CAMPBELL e KIM, 2016). Boa parte dos participantes eram aposentados, e por isso tinham maiores chances de acompanhar o dia a dia do bairro, como demonstrado na fala de M (homem, 62 anos) “depois que eu me aposentei eu comecei a viver mais o bairro”, e ML (mulher, 70 anos) “eu ando bastante a pé, eu vou nos mercados e vou tudo a pé”, estando mais suscetíveis às transformações ocorridas pelo processo de *studentification*.

Segundo Wahl, Iwarsson e Oswald (2012), durante a fase adulta, o indivíduo procura por estímulo e ativação, logo, seu senso de agência é elevado. Já na velhice inicial (60-79 anos), justamente a fase da amostra, ocorre um equilíbrio das três dimensões devido às mudanças na competência individual, vida social (como aposentadoria) e familiar. Por fim, os

mais velhos (80 anos ou mais) sofrem um decréscimo na necessidade de estímulo e ativação e um aumento da necessidade das outras dimensões, ou seja, no senso de pertencimento (WAHL, IWARSSON e OSWALD, 2012).

As características físicas e sociais da vizinhança interferem no senso de agência e pertencimento do indivíduo, afetando seus comportamentos e interações sociais. Também pode influenciar na identidade e bem-estar, já que a casa e a vizinhança muitas vezes são representam as conquistas e o *status* social da pessoa, tendo valor simbólico elevado (TOMASZEWSKI, 2013).

3.4.1. Ambiente do bairro

Para os participantes, o ambiente do bairro foi o aspecto que mais sofreu com as mudanças decorrentes do *studentification*, sendo a subcategoria “incômodos” a mais mencionada, seguida por “paisagem” e “valorização do bairro”.

De acordo com os entrevistados, os principais pontos elencados como “incômodos” foram barulho, aumento no trânsito nos arredores da universidade, lixo nas ruas, ruas e calçadas ruins, diminuição das áreas verdes; transporte e a realocação do posto de saúde do bairro também apareceram na lista como pontos negativos, porém, sem associação com as mudanças ocasionadas pela universidade. Mesmo assim, boa parte dos participantes mencionaram que tais aspectos tem melhorado com o passar do tempo, mas ainda causam transtornos.

Já na subcategoria “paisagem”, os relatos tratam tanto do ambiente físico como o social, como demonstrado na fala de D (homem, 65 anos):

“Antes era um bairro que tinha muito idoso aqui, e a faculdade tem muita gente jovem, então o bairro mudou um pouco a cara, do velho para o novo. [...] O que mudou também são essas construções, está mudando a cara do bairro, está até mais bonitinho, apesar de eu não gostar deste tipo de construção, mas está ficando mais bonitinho.”

Para os participantes, a paisagem do bairro se modificou com mais pessoas jovens nas ruas, novas construções com moradias estudantis, e novos comércios, especialmente de lanchonetes e restaurantes. As ruas, antes tranquilas e vazias, tornaram-se mais cheias nos períodos de aula, principalmente com carros estacionados. Para alguns, a paisagem agora está mais bonita do que anteriormente. As figuras 4 e 5 ilustram a fala dos participantes.

Figura 4 – Rua Santa Adélia em 2010 e 2017, mostrando aumento no comércio do bairro

Fonte: Google Maps, 2018.

Figura 5 – Aumento na quantidade de moradias voltada para o público estudantil, como percebido na Rua Speers entre 2011 e 2017

Fonte: Google Maps, 2018.

Na subcategoria “valorização do bairro”, os idosos enfatizaram a valorização dos imóveis, por conta da universidade, e do bairro como um todo como positiva, sobretudo por conta do aumento do comércio. “Acho que isso valoriza aqui o nosso bairro, não só o bairro, mas uma universidade no lugar é um diferencial assim muito importante.” (S, mulher, 74 anos). Contraditoriamente, um entrevistado que reside e tem comércio no bairro há 20 anos disse que para os comerciantes a chegada da universidade e dos estudantes não foi boa – “o comércio prejudicou bastante, porque a molecada não compra aqui” (V, homem, 68 anos).

3.4.2 Relações

Boa parte dos entrevistados manifestaram não ter um relacionamento contínuo com os estudantes, apenas interações ocasionais na vizinhança. Mesmo com pouco contato, os idosos elogiaram o comportamento dos jovens, “são educados, os meninos que moram aqui, são

‘super’gentis” (AL, 68 anos), contrariamente ao observado por Lager, Van Hoven e Huigen (2015), que expuseram em seu estudo o desapontamento dos idosos com seus vizinhos jovens nas tentativas de contato. Alguns dos participantes expressaram o desejo de construir um vínculo com os estudantes, porém, a transitoriedade dos jovens que vive no bairro acaba dificultando isso (LAGER, VAN HOVEN e HUIGEN, 2015), como expresso por B (mulher, 60 anos): “Não tenho contato, eu tinha com o pessoal que morava aqui, mas eles mudam constantemente”.

Esses resultados condizem com os encontrados por Powell (2016), que verificou em seu estudo que há pouca interação entre estudantes e idosos em vizinhança adjacente à universidade em uma cidade dos Estados Unidos. A transitoriedade faz com que os jovens não conheçam seus vizinhos, e os idosos tampouco tenham incentivo para os conhecer, visto que estabelecer conexões demanda tempo (LAGER, VAN HOVEN e HUIGEN, 2015).

A subcategoria “relacionamentos com vizinhos” trouxe falas que evidenciaram uma fraca rede de relações entre vizinhos, o que impacta no capital social da comunidade e no suporte social. Embora haja evidência da mudança no relacionamento com vizinhos, curiosamente, quando diretamente questionados se a chegada da universidade e dos estudantes afetou as relações com familiares, amigos e vizinhos, apenas um entrevistado afirmou que sim. Esta contradição também foi encontrada por Burns, Lavoie e Rose (2012), que afirmaram que a percepção dos participantes nem sempre reflete a realidade das mudanças do bairro.

Todavia, mesmo antes da chegada dos estudantes, nota-se que os vizinhos pouco se conversavam, não frequentavam as casas um do outro, ou nem mesmo solicitavam suporte quando necessário. Aliado a isso, percebe-se certo receio ou constrangimento em pedir ajuda quando necessário, deixando o suporte por conta de familiares e amigos. Esses achados são condizem com os encontrados por Greenfield (2016).

Greenfield (2016) relatou que os idosos de seu estudo afirmaram que os vizinhos podem colaborar com certas tarefas, mas não todas. Por exemplo, cozinhar, oferecer carona, buscar coisas para o outro no mercado, conferir se o outro está bem e solicitar assistência são tarefas que os vizinhos podem desenvolver pela proximidade geográfica e que requerem pouco nível de intimidade. Já oferecer suporte para questões financeiras, que demandem muito tempo ou tarefas específicas que requeiram ajuda profissional são mais delegadas para familiares e amigos. Similarmente, prover apoio emocional, dar conselhos ou visitar um ao

outro requer alto nível de intimidade, e também não são fornecidos por vizinhos (GREENFIELD, 2016).

As participantes mais velhas (entre 74 e 88 anos) foram as que relataram ter melhor relacionamento com seus vizinhos, com falas mais positivas quanto ao suporte prestado por esses. Essas mencionaram durante a entrevista situações onde precisaram do apoio de vizinhos e puderam contar com eles, mas apenas para tarefas simples, similares às encontradas por Greenfield (2016). Segundo a autora, bons relacionamentos com vizinhos baseiam-se em relações de longas datas, o que leva à percepção de que o vizinho é confiável e amigável, interagindo com eles com maior regularidade.

Segundo Wahl, Iwarsson e Oswald (2012), idosos mais longevos tendem a buscar relações e ambientes que lhes transmitam segurança, familiaridade, continuidade e significado, ou seja, seu senso de pertencimento é maior. Ao focar em processos de pertencimento, o idoso se volta para atividades e ambientes sócio-físicos que lhes conferem mais valor, selecionando aqueles que prefere e que trazem bem-estar e emoções positivas, minimizando o estresse e as emoções negativas, praticando a chamada seletividade socioemocional (CHARLES e CARSTENSEN, 2010; WAHL, IWARSSON e OSWALD, 2012; UPENIEKS, SETTELS e SCHAFER, 2018). No caso das participantes, a teoria SPOT e a teoria da seletividade socioemocional podem explicar por que essas relataram ter relacionamentos positivos com seus vizinhos, já que a familiaridade com os que estão ao redor é maior, lhes dando a confiança necessária para estabelecer vínculos e trocas sociais.

Com relação a subcategoria “atividades”, os resultados sugerem que não há a oferta de atividades físicas ou sociais na comunidade, “cada um procura o seu por conta própria” (N, mulher, 74 anos). Dentre as falas, surgiu a demanda de atividades ofertadas pela universidade, pois os participantes acreditam não haver nada direcionado a comunidade, como expresso nas três falas:

“Eu espero que a universidade faça algo para os moradores por enquanto não deram nada, [...] um teatro algo assim.” (V, homem, 68 anos).

“Eu não vejo melhora de nada assim [atividades], [...] porque tem um ambiente todo preparado aí, tem quadra, tem tudo isso, que poderia ser aberto ao público.” (M, homem, 62 anos).

“Eu gostaria que tivesse muita coisa aqui, [...] o espaço que eles têm lá, eles poderiam muito bem [oferecer atividades]. Eu vi que a terceira idade tem cursos gratuitos na USP, mas eu queria aqui, então aqui deveria ter alguma coisa.” (MA, mulher, 67 anos).

3.4.3 Pertencimento

A categoria pertencimento abrigou unidades de análise que tratavam do quão conectado o indivíduo se sente ao lugar, influenciado pelo ambiente físico (e.g. residir na

mesma casa por anos) e social (e.g. conhecer os vizinhos). Dentro dessa categoria, foram elencadas as subcategorias “apego”, “envelhecer no lugar” e “não se reconhecer como idoso”.

O apego diz respeito a atribuição de valores, memórias e expectativas ao ambiente, criando histórias coletivas e individuais que geram identificação com o lugar e o sentimento de pertencimento. Os idosos do Bangú demonstraram grande senso de apego ao lugar, sentindo-se pertencentes ao bairro, especialmente por conta de seus lares, onde construíram memórias afetivas que tornam aquele local especial, demonstrado na fala de N (mulher, 74 anos) - “Eu nasci em Santo André, há quantos anos eu moro aqui, e eu não me veria envelhecer em outro lugar. [...] Aqui ‘pra mim tá’ ótimo, minha casa meu porto seguro.”

Similarmente, o desejo de envelhecer no lugar prevaleceu, mesmo com o processo de *studentification*. Dos 21 participantes, apenas 7 revelaram interesse em se mudar do bairro. Nesse caso, familiaridade e significado, refletidas no senso de pertencimento, foram dimensões importantes para o *aging in place*. Para VA (mulher, 62 anos), “envelhecer no próprio bairro é você deixar sua história fincada lá, boa ou ruim”, complementada por V (homem, 68 anos), “já ‘tô’ enraizado aqui, então pra você ir pra outro local você vai ter que novamente criar as amizades e os contatos.”

Lager, Van Hoven e Huigen (2013) evidenciaram em seu estudo que o senso de pertencimento é renegociado nas interações do dia a dia, fornecendo senso de continuidade apesar das transformações na vizinhança. Isso se deve ao senso de agência dos próprios idosos, que tentam dar estabilidade ao bairro no meio das mudanças ao relacionar-se apenas entre o mesmo grupo social, conferindo o senso de pertencimento àqueles que ali ficaram.

Os participantes que não desejam envelhecer no bairro também apresentaram falas que revelaram sua não identificação como pessoa idosa, apesar de todos terem mais de 60 anos, e o não reconhecimento do próprio processo de envelhecimento, similar ao encontrado por Lager, Van Hoven e Huigen (2015). O não pertencimento à esta fase da vida foi expresso em frases como “eu não gostaria de envelhecer” (D, homem, 65 anos). Seus depoimentos revelaram visões estereotipadas do envelhecimento e da velhice, como “eu acho que lugar de idoso é no litoral” (A, mulher, 70 anos), e “envelhecer em qualquer lugar não vai ser bom” (B, mulher, 60 anos). Logo, para esses idosos, o bairro não apresenta condições favoráveis ao *aging in place*, pois em suas opiniões, envelhecer não é bom, mas caso ocorra, deve-se viver esta fase da vida em lugares mais tranquilos e com maior concentração de idosos.

3.4.4 Segurança

Por fim, a última categoria criada a partir das falas dos participantes tratou de questões de segurança, mais precisamente a sensação de sentir-se seguro ou não. Vários idosos relataram que o processo de *studentification* acentuou a violência no bairro, com maior número de roubos e assaltos por conta da presença dos estudantes, que trazem objetos de valor consigo; aumento no número de usuários de drogas, e brigas nas ruas, tendo que a polícia intervir diversas vezes, muitas dessas acionada por idosos.

A insegurança acabou afetando a rotina dos moradores, como relatado por N (mulher, 74 anos), “antes não tinha assalto e agora tem, aqui em casa sempre foi grade baixa e eu tive que mudar. Segurança e tranquilidade mudou bastante aqui, já tivemos que acionar ‘viatura’ várias vezes, por causa de bagunça relacionada a droga” e P (mulher, 66 anos), “Não [saio], a pé não, o mais tarde que eu fico na rua é 20:00 horas, quando eu chego do ‘serviço’, mas eu tenho medo. De manhã também eu não saio sozinha.” Contraditoriamente, alguns idosos descreveram sentirem-se mais seguros com a presença de mais pessoas nas ruas.

3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste artigo foi investigar o efeito do processo de *studentification* no ambiente sócio-físico e nas relações sociais daqueles que envelhecem no lugar, utilizando dados de um estudo de caso com amostra de 21 idosos moradores de um bairro residencial adjacente à uma universidade pública federal. As seguintes hipóteses foram testadas: a) As mudanças no ambiente influenciaram no desejo de continuar envelhecendo no bairro; b) O processo de *studentification* afetou os relacionamentos dos idosos, especialmente com seus vizinhos.

As mudanças ocorridas no bairro trouxeram muitas melhorias, segundo os participantes, como a valorização dos imóveis, aumento do comércio local, maior número de pessoas nas ruas, especialmente jovens, mas também vários incômodos como barulho, trânsito, muitas moradias novas para locação, ruas e calçadas que continuam inadequadas, mais lixo nas ruas, etc. Todavia, a primeira hipótese não se comprova, já que os participantes não atribuíram às mudanças no ambiente o desejo de permanecer envelhecendo no bairro. As falas expressavam um forte sentimento de apego com a casa e o bairro, tendendo a demonstrar alto senso de pertencimento através dos conjuntos de dimensões segurança e familiaridade e continuidade e significado (MOORE, 2014; SMITH, ROZEK e MOORE, 2014), mas nenhum

elemento do ambiente da vizinhança foi mencionado como chave para a opção de envelhecer no lugar. Isso vai de encontro aos resultados do estudo de Greenfield (2016), que verificou que os aspectos do ambiente não são a causa única para a habilidade do *aging in place*; aspectos individuais e relacionais também devem ser considerados.

Já a segunda hipótese foi comprovada. Vários idosos relataram ter bons relacionamentos com os jovens moradores da vizinhança e exprimiram apreço por esse novo laço estabelecido, tecendo elogios aos universitários; outros que ainda não tem esse tipo de vínculo demonstraram o anseio por se relacionar com os jovens. As trocas intergeracionais são importantes para a integração social, participação e colaboram na manutenção do capital social comunitário (STEELS, 2015). Ainda assim, nem todos os participantes acham essa relação com os jovens positiva, sem demonstrar a vontade de criar novas conexões, permanecendo em um universo paralelo aos estudantes.

Os depoimentos também evidenciaram que os laços entre vizinhos já eram enfraquecidos na comunidade, como demonstrado na fala de AL (mulher, 68 anos):

“Eles [os vizinhos] ficam muito ausentes, eles trabalham né. [...] A gente interage mais é só assim de cumprimentar, de se conversar rapidamente no elevador, saber se tá tudo bem, troca algumas informações, [...] coisa rápida nada de ficar um na casa do outro de jeito nenhum. [...] Ninguém incomoda ninguém.”

A mudança de alguns vizinhos também colaborou para o enfraquecimento das redes sociais e a perda de capital e suporte social no bairro, como relatado por A: “mudou muito o perfil da coisa, dos moradores, ‘tá’ acabando os moradores antigos, só ficou uma cidade de jovem praticamente... Você não conhece mais ninguém assim, só gente jovem.”

Considerando que os impactos do processo de *studentification* do bairro não afetaram a capacidade de envelhecer no lugar dos idosos, na verdade, ele pode ser visto como uma ferramenta para a promoção do capital social e do suporte social através das trocas intergeracionais que podem ocorrer no bairro. É importante enfatizar, todavia, que o ambiente sócio-físico do bairro deve ser trabalhado de forma que não cause a perda da familiaridade para os idosos, o que poderia impactar no seu senso de pertencimento e causar o efeito contrário.

Portanto, o processo de *studentification* e as transformações ocorridas no bairro devem servir como estímulos para a criação e manutenção dos vínculos com o lugar, promovendo o fortalecimento das redes sociais, do capital social e do suporte social, através do engajamento e do contato interpessoal, impactando positivamente a qualidade de vida dos idosos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BATISTONI, S. S. T. Gerontologia Ambiental: panorama de suas contribuições para a atuação do gerontólogo. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 17, n. 3, p. 647-657, 2014.

BENEFIELD, L. E.; HOLTZCLAW, B. J. Aging in place: merging desire with reality. **Nurs Clin North Am**, v. 49, n. 2, p. 123-31, 2014.

BESTETTI, M. L. T. Ambiência: espaço físico e comportamento. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 17, n. 3, p. 601-610, 2014.

BRASIL. Resolução RDC nº 283 de 26 de setembro de 2005. Aprova o Regulamento Técnico que define normas de funcionamento para as Instituições de Longa Permanência para Idosos. **Órgão emissor: ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária**, 2005a.

_____. Lei nº 11.145 de 26 de julho de 2005. Institui a Fundação Universidade Federal do ABC – UFABC e dá outras providências.. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF. 2005b.

BURNS, V. F.; LAVOIE, J. P.; ROSE, D. Revisiting the role of neighbourhood change in social exclusion and inclusion of older people. **J Aging Res**, v. 2012, p. 148287, 2012.

CAMPBELL, N. Designing for social needs to support aging in place within continuing care retirement communities. **Journal of Housing and the Built Environment**, v. 30, n. 4, p. 645-665, 2015.

CAMPBELL, N.; KIM, D. Designing an Ageless Social Community: Adapting a New Urbanist Social Core to Suit Baby Boomers in Later Life. **Journal of Housing For the Elderly**, v. 30, n. 2, p. 156-174, 2016.

CHARLES, S. T.; CARSTENSEN, L. L. Social and emotional aging. **Annu Rev Psychol**, v. 61, p. 383-409, 2010.

CORNWELL, E. Y.; BEHLER, R. L. Urbanism, Neighborhood Context, and Social Networks. **City Soc (Wash)**, v. 14, n. 3, p. 311-335, 2015.

DE OLIVEIRA, G. M. et al. The applicability of the cognitive abilities screening instrument–short (CASI-S) in primary care in Brazil. **International Psychogeriatrics**, v. 28, n. 1, p. 93-99, 2016.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, n. 1, p. 17-27, 2008.

GEHL, J. **Cidades Para Pessoas**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GREENFIELD, E. A. Support from neighbors and aging in place: Can NORC programs make a difference? **The Gerontologist**, v. 56, n. 4, p. 651-659, 2016.

IECOVICH, E. Aging in place: From theory to practice. **Anthropological Notebooks**, v. 20, n. 1, p. 21-33, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sinopse do Censo Demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE 2010.

JIANG, N.; LOU, V. W. Q.; LU, N. Does social capital influence preferences for aging in place? Evidence from urban China. **Aging & Mental Health**, v. 22, n. 3, p. 405-411, 2018.

LAGER, D.; VAN HOVEN, B.; HUIGEN, P. P. P. Dealing with change in old age: Negotiating working-class belonging in a neighbourhood in the process of urban renewal in the Netherlands. **Geoforum**, v. 50, p. 54-61, 2013.

_____. Understanding older adults' social capital in place: Obstacles to and opportunities for social contacts in the neighbourhood. **Geoforum**, v. 59, p. 87-97, 2015.

LEHNING, A. J.; SMITH, R. J.; DUNKLE, R. E. Do age-friendly characteristics influence the expectation to age in place? A comparison of low-income and higher income detroit elders. **Journal of Applied Gerontology**, v. 34, n. 2, p. 158-180, 2015.

MOORE, K. D. An ecological framework of place: Situating environmental gerontology within a life course perspective. **International Journal of Aging & Human Development**, v. 79, n. 3, p. 183-209, 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Guia global : cidade amiga do idoso**. Genebra: OMS, 2008.

PERRACINI, M. R. **Análise multidimensional de tarefas desempenhadas por cuidadores familiares de idosos de alta dependência**. 1994. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PHILLIPS, J. et al. Older people and outdoor environments: Pedestrian anxieties and barriers in the use of familiar and unfamiliar spaces. **Geoforum**, v. 47, p. 113-124, 2013.

POWELL, K. H. A New Neighborhood Every Fall: Aging in Place in a College Town. **Journal of Gerontological Social Work**, v. 59, n. 7-8, p. 537-553, 2016.

PREFEITURA DE SANTO ANDRÉ. História de Santo André. Disponível em: <<http://www2.santoandre.sp.gov.br/index.php/cidade-de-santo-andre/historia>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

SMITH, D. P. 'Studentification': the gentrification factory? In: ATKINSON, R. B., G. (Ed.). **Gentrification in a global context: the new urban colonialism**. Routledge, UK: Housing and Society Series, 2005. cap. 5, p.72-89.

SMITH, E. K.; ROZEK, E. K.; MOORE, K. D. Creating SPOTs for Successful Aging: Strengthening the Case for Developing University-Based Retirement Communities Using

Social-Physical Place Over Time Theory. **Journal of Housing For the Elderly**, v. 28, n. 1, p. 21-40, 2014.

SMITH, R. J.; LEHNING, A. J.; KIM, K. Aging in place in gentrifying neighborhoods: Implications for physical and mental health. **The Gerontologist**, v. 58, n. 1, p. 26-35, 2018.

STEELS, S. Key characteristics of age-friendly cities and communities: A review. **Cities**, v. 47, p. 45–52, 2015.

TOMASZEWSKI, W. Living Environment, Social Participation and Wellbeing in Older Age: The Relevance of Housing and Local Area Disadvantage. **Journal of Population Ageing**, v. 6, n. 1-2, p. 119-156, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC. Campus Santo André. Disponível em: <http://antigo.ufabc.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=87>. Acesso em: 22 jan. 2018.

_____. UFABC em números. 2017. Disponível em: <<http://propladi.ufabc.edu.br/informacoes/ufabc-em-numeros>>. Acesso em: 22 jan. 2018

UPENIEKS, L.; SETTELS, J.; SCHAFER, M. H. For everything a season? A month-by-month analysis of social network resources in later life. **Social Science Research**, v. 69, p. 111–125, jan. 2018.

VANLEERBERGHE, P. et al. The quality of life of older people aging in place: A literature review. **Quality of Life Research**, v. 26, n. 11, p. 2899-2907, 2017.

WAHL, H. W.; IWARSSON, S.; OSWALD, F. Aging well and the environment: toward an integrative model and research agenda for the future. **The Gerontologist**, v. 52, n. 3, p. 306-16, 2012.

WILES, J. L. et al. The meaning of "aging in place" to older people. **The Gerontologist**, v. 52, n. 3, p. 357-366, 2012.

YUNG, E. H. K.; CONEJOS, S.; CHAN, E. H. W. Social needs of the elderly and active aging in public open spaces in urban renewal. **Cities**, v. 52, p. 114-122, 2016.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora as relações sociais com vizinhos no bairro Bangú sejam fracas, isso parece não ter afetado o *aging in place* dos idosos do bairro, o que revela que a maioria permanece no lugar por opção, mesmo com o processo de *studentification*. Nenhum dos idosos relatou aspectos que caracterizassem o sentimento de sentir-se preso ao lugar, apesar do desejo de alguns em mudar de vizinhança. Os participantes dividem o espaço do bairro com os universitários e não se sentem marginalizados ou excluídos da comunidade, mesmo alguns relatando ter uma postura pessoal bem reclusa. Complementarmente, alguns participantes inclusive expressaram a necessidade de atividades no bairro, dando chance aos encontros, conversas, e trocas entre pessoas da mesma geração e intergeracionais.

Participar de atividades em grupo com pessoas da mesma idade favorece o bem-estar do idoso, porque facilita o entendimento de significados comuns e a maior aproximação interpessoal; contudo, a intergeracionalidade auxilia e promove a troca de hábitos, de conhecimentos e instiga a busca de saúde pelos idosos, inspirando-os na descoberta de novos conhecimentos e a manterem-se atualizados. (PFÜTZENREUTER, 2014, p.16)

A promoção de atividades sociais pode ser a chave para que mais idosos da comunidade optem por envelhecer no lugar e criem novas redes de suporte na vizinhança ou fortifiquem as já existentes; o bairro fornece uma infraestrutura razoável que tem atendido aos idosos que ali residem, apesar de precisar de melhorias em vários aspectos como calçamento e arborização. É difícil articular se, nesse contexto especificamente, seria possível a implementação de uma UBRC, pois a universidade ainda é muito nova (menos de 15 anos) e ainda não possui as características necessárias para a criação de uma comunidade do tipo. Contudo, se houver investimento em programas bidirecionais com atividades sociais, engajamento da comunidade, apoio financeiro da universidade, implementação de serviços de cuidado e outras opções de moradia que não as estudantis e/ou unifamiliares, e melhoria dos aspectos físicos do bairro supracitados, o Bangú tem condições de abrigar uma UBRC dentro de alguns anos, atraindo não só moradores jovens, mas também adultos e de meia idade que planejem viver em um bairro que ofereça condições sociais e físicas para o *aging in place*.

Sabe-se que esta pesquisa apresenta limitações, como o número baixo de participantes; a utilização de um protocolo criado especificamente para esta pesquisa; a busca limitada de referências literárias em apenas três bases de dados, o que pode ter descartado da revisão outros estudos interessantes e pertinentes ao tema.

Embora haja limitações, espera-se que esta dissertação elucide a importância de se estudar diferentes tipos de vizinhança e seus efeitos sobre o AIP e as relações sociais, de forma que isso contribua para o planejamento, gestão, desenvolvimento e organização de novas intervenções no espaço urbano, sejam elas de caráter físico, social, funcional, econômico ou cultural, já que todas as esferas afetam a vida daqueles que ali vivem, particularmente os idosos. Gerontólogos, arquitetos, urbanistas, gestores públicos e privados e outros atores devem dar a devida importância ao ambiente sócio-físico, pois esse terá impacto no resultado de suas ações, podendo ser positivo ou negativo, a depender do contexto e da maneira como foram aplicadas.

Sugere-se que futuros estudos aprofundem esta questão ao investigar outros tipos de vizinhança, especialmente aquelas que passam por processos de transformação urbana, possivelmente acompanhando longitudinalmente as mudanças e seus efeitos sobre os idosos, assim contribuindo para o aumento das pesquisas na área da gerontologia ambiental, orientando futuras intervenções sobre pontos críticos a serem considerados. Também, recomenda-se que outros estudos foquem no desenvolvimento de protocolos, instrumentos e indicadores capazes de serem replicados em diferentes contextos nas pesquisas relacionadas ao meio ambiente de idosos.

REFERÊNCIAS

- BALTES, P. B.; BALTES, M. M. Psychological perspectives on successful aging: The model of selective optimization with compensation. In: BALTES, P. B. e BALTES, M. M. (Ed.). **Successful aging**. Cambridge: Cambridge University, 1990. p.1-34.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BATISTONI, S. S. T. Gerontologia Ambiental: panorama de suas contribuições para a atuação do gerontólogo. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 17, n. 3, p. 647-657, 2014.
- BENEFIELD, L. E.; HOLTZCLAW, B. J. Aging in place: merging desire with reality. **Nurs Clin North Am**, v. 49, n. 2, p. 123-31, Jun 2014.
- BESTETTI, M. L. T. Ambiência: espaço físico e comportamento. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 17, n. 3, p. 601-610, 2014.
- BRASIL. Resolução RDC nº 283 de 26 de setembro de 2005. Aprova o Regulamento Técnico que define normas de funcionamento para as Instituições de Longa Permanência para Idosos. **Órgão emissor: ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária**, 2005a.
- _____. Lei nº 11.145 de 26 de julho de 2005. Institui a Fundação Universidade Federal do ABC – UFABC e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF. 2005b.
- BOTTON, A. **A arquitetura da felicidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- BUFFEL, T.; PHILLIPSON, C. Can global cities be ‘age-friendly cities’? Urban development and ageing populations. **Cities**, v. 55, p. 94-100, 2016.
- BURNS, V. F.; LAVOIE, J. P.; ROSE, D. Revisiting the role of neighbourhood change in social exclusion and inclusion of older people. **J Aging Res**, v. 2012, p. 148287, 2012.
- CAMPBELL, N. Designing for social needs to support aging in place within continuing care retirement communities. **Journal of Housing and the Built Environment**, v. 30, n. 4, p. 645-665, 2015.
- CAMPBELL, N.; KIM, D. Designing an Ageless Social Community: Adapting a New Urbanist Social Core to Suit Baby Boomers in Later Life. **Journal of Housing For the Elderly**, v. 30, n. 2, p. 156-174, 2016.
- CHARLES, S. T.; CARSTENSEN, L. L. Social and emotional aging. **Annu Rev Psychol**, v. 61, p. 383-409, 2010.
- CORNWELL, E. Y.; BEHLER, R. L. Urbanism, Neighborhood Context, and Social Networks. **City Soc (Wash)**, v. 14, n. 3, p. 311-335, 2015.
- CURL, A.; WARD THOMPSON, C.; ASPINALL, P. The effectiveness of ‘shared space’ residential street interventions on self-reported activity levels and quality of life for older people. **Landscape and Urban Planning**, v. 139, p. 117-125, 2015.

DE OLIVEIRA, G. M. et al. The applicability of the cognitive abilities screening instrument–short (CASI-S) in primary care in Brazil. **International Psychogeriatrics**, v. 28, n. 1, p. 93-99, 2016.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, n. 1, p. 17-27, 2008.

GEHL, J. **Cidades Para Pessoas**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GRAHAM, C. L.; SCHARLACH, A. E.; STARK, B. Impact of the Village Model: Results of a National Survey. **Journal of Gerontological Social Work**, v. 60, n. 5, p. 335-354, 2017.

GRAHAM, C. L.; SCHARLACH, A. E.; WOLF, J. P. The Impact of the "Village" Model on Health, Well-Being, Service Access, and Social Engagement of Older Adults. **Health Education and Behavior**, v. 41, n. 1 Suppl, p. 91S-7S, 2014.

GREENFIELD, E. A. Using ecological frameworks to advance a field of research, practice, and policy on aging-in-place initiatives. **The Gerontologist**, v. 52, n. 1, p. 1-12, 2012.

_____. Support from neighbors and aging in place: Can NORC programs make a difference? **The Gerontologist**, v. 56, n. 4, p. 651-659, 2016.

IECOVICH, E. Aging in place: From theory to practice. **Anthropological Notebooks**, v. 20, n. 1, p. 21-33, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sinopse do Censo Demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE 2010.

JIANG, N.; LOU, V. W. Q.; LU, N. Does social capital influence preferences for aging in place? Evidence from urban China. **Aging & Mental Health**, v. 22, n. 3, p. 405-411, 2018.

LAGER, D.; VAN HOVEN, B.; HUIGEN, P. P. P. Dealing with change in old age: Negotiating working-class belonging in a neighbourhood in the process of urban renewal in the Netherlands. **Geoforum**, v. 50, p. 54-61, 2013.

_____. Understanding older adults' social capital in place: Obstacles to and opportunities for social contacts in the neighbourhood. **Geoforum**, v. 59, p. 87-97, 2015.

LAWTON, M. P.; NAHEMOW, L. Ecology and the aging process. In: (Ed.). **The psychology of adult development and aging**, cap. 020, p.619-674, 1973.

LEHNING, A. J.; SMITH, R. J.; DUNKLE, R. E. Do age-friendly characteristics influence the expectation to age in place? A comparison of low-income and higher income detroit elders. **Journal of Applied Gerontology**, v. 34, n. 2, p. 158-180, 2015.

MILTON, S. et al. A qualitative geographical information systems approach to explore how older people over 70 years interact with and define their neighbourhood environment. **Health & Place**, v. 36, p. 127-133, 2015.

MOORE, K. D. An ecological framework of place: Situating environmental gerontology within a life course perspective. **International Journal of Aging & Human Development**, v. 79, n. 3, p. 183-209, 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Guia global : cidade amiga do idoso**. Genebra: OMS, 2008.

PERRACINI, M. R. **Análise multidimensional de tarefas desempenhadas por cuidadores familiares de idosos de alta dependência**. 1994. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PFÜTZENREUTER, A. H. **Viver a cidade, envelhecer na cidade: os espaços públicos como interface para o envelhecimento pessoal**. 2014. 157 f. Tese (Doutorado). Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

PHILLIPS, J. et al. Older people and outdoor environments: Pedestrian anxieties and barriers in the use of familiar and unfamiliar spaces. **Geoforum**, v. 47, p. 113-124, 2013.

POWELL, K. H. A New Neighborhood Every Fall: Aging in Place in a College Town. **Journal of Gerontological Social Work**, v. 59, n. 7-8, p. 537-553, 2016.

PREFEITURA DE SANTO ANDRÉ. História de Santo André. Disponível em: <<http://www2.santoandre.sp.gov.br/index.php/cidade-de-santo-andre/historia>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

RIBEIRO, J. L. P. Revisão de investigação e evidência científica. **J Psicologia, Saúde e Doenças**. v. 15, p. 671-682, 2014.

ROWLES, G. D. Place and personal identity in old age: Observations from Appalachia. **Journal of Environmental Psychology**, v. 3, n. 4, p. 299-313, 1983.

SMITH, D. P. ‘Studentification’: the gentrification factory? In: ATKINSON, R. B., G. (Ed.). **Gentrification in a global context: the new urban colonialism**. Routledge, UK: Housing and Society Series, 2005. cap. 5, p.72-89.

SMITH, E. K.; ROZEK, E. K.; MOORE, K. D. Creating SPOTs for Successful Aging: Strengthening the Case for Developing University-Based Retirement Communities Using Social-Physical Place Over Time Theory. **Journal of Housing For the Elderly**, v. 28, n. 1, p. 21-40, 2014.

SMITH, R. J.; LEHNING, A. J.; KIM, K. Aging in place in gentrifying neighborhoods: Implications for physical and mental health. **The Gerontologist**, v. 58, n. 1, p. 26-35, 2018.

STEELS, S. Key characteristics of age-friendly cities and communities: A review. **Cities**, v. 47, p. 45-52, 2015.

SUN, Y.; PHILLIPS, D. R.; WONG, M. A study of housing typology and perceived age-friendliness in an established Hong Kong new town: A person-environment perspective. **Geoforum**, v. 88, p. 17-27, 2018.

TEMELOVÁ, J.; DVOŘÁKOVÁ, N. Residential satisfaction of elderly in the city centre: The case of revitalizing neighbourhoods in Prague. **Cities**, v. 29, n. 5, p. 310-317, 2012.

TOMASZEWSKI, W. Living Environment, Social Participation and Wellbeing in Older Age: The Relevance of Housing and Local Area Disadvantage. **Journal of Population Ageing**, v. 6, n. 1-2, p. 119-156, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC. Campus Santo André. Disponível em: <http://antigo.ufabc.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=87>. Acesso em: 22 jan. 2018.

_____. UFABC em números. 2017. Disponível em: <<http://propladi.ufabc.edu.br/informacoes/ufabc-em-numeros>>. Acesso em: 22 jan. 2018

UPENIEKS, L.; SETTELS, J.; SCHAFER, M. H. For everything a season? A month-by-month analysis of social network resources in later life. **Social Science Research**, v. 69, p. 111-125, 2018.

VAN HEES, S. et al. Photovoicing the neighbourhood: Understanding the situated meaning of intangible places for ageing-in-place. **Health & Place**, v. 48, p. 11-19, 2017.

VANLEERBERGHE, P. et al. The quality of life of older people aging in place: A literature review. **Quality of Life Research**, v. 26, n. 11, p. 2899-2907, 2017.

VINE, D.; BUYS, L.; AIRD, R. The use of amenities in high density neighbourhoods by older urban Australian residents. **Landscape and Urban Planning**, v. 107, n. 2, p. 159-171, 2012.

WAHL, H. W.; IWARSSON, S.; OSWALD, F. Aging well and the environment: toward an integrative model and research agenda for the future. **The Gerontologist**, v. 52, n. 3, p. 306-16, 2012.

WANKA, A. Disengagement as withdrawal from public space: Rethinking the relation between place attachment, place appropriation, and identity-building among older adults. **The Gerontologist**, v. 58, n. 1, p. 130-139, 2018.

WILES, J. L. et al. The meaning of "aging in place" to older people. **The Gerontologist**, v. 52, n. 3, p. 357-366, 2012.

YUNG, E. H. K.; CONEJOS, S.; CHAN, E. H. W. Social needs of the elderly and active aging in public open spaces in urban renewal. **Cities**, v. 52, p. 114-122, 2016.

ZHANG, Z.; ZHANG, J. Perceived residential environment of neighborhood and subjective well-being among the elderly in China: A mediating role of sense of community. **Journal of Environmental Psychology**, v. 51, p. 82-94, 2017.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PARTICIPANTES DO ESTUDO

APRESENTAÇÃO PESSOAL

Bom dia/tarde/noite, me chamo -----, sou aluno/a da Universidade de São Paulo, faço parte de um grupo de pesquisa e vou conduzir esta entrevista com o/a senhor/a para um estudo. Este estudo busca entender as percepções dos moradores idosos do bairro Bangú sobre as mudanças que aconteceram no bairro desde a chegada da UFABC.

Primeiramente, o/a senhor/a deve ler e assinar um documento chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, onde consta os direitos e deveres como participante. São feitas duas vias, uma ficará com o/a senhor/a e outra conosco. Qualquer dúvida, o/a senhor/a pode me perguntar.

Apresentar o termo e se necessário, ler com o/a idoso/a. Após a assinatura do termo, iniciar o questionário.

DATA:

HORÁRIO DE INÍCIO:

HORÁRIO DE TÉRMINO:

BLOCO A - DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Nome:		
Idade:	Sexo:	Estado civil:
Endereço:		
Renda: () até 1 salário mínimo () de 1 a 3 salários () de 3 a 6 salários () de 6 a 9 salários () de 9 a 12 salários () de 12 a 15 salários () mais de 15 salários () não informou		
Escolaridade: () primário (nível fundamental, 1ª a 4ª série – 4 anos) () ginásio (nível fundamental, 5ª a 8ª série – 8 anos) () científico/normal (ensino médio, técnico ou magistério – 11 anos) () superior completo (15 anos) () pós-graduação (+ 15 anos)		
Tem filhos: () sim () não Quantos:		
Profissão (antes da aposentadoria):		
Tempo de residência:		
Arranjo domiciliar (com quem vive):		
Tipo de moradia: () casa () apto com condomínio () apto sem condomínio		

BLOCO B – STATUS MENTAL (CASI-S)

Agora vou lhe fazer algumas perguntas que exigem atenção e um pouco de sua memória. Por favor, tente se concentrar para respondê-las.

B1. REGISTRO – Instrução: “*Eu vou examinar sua memória. Vou dizer três nomes para você repetir e gravar na memória para lembrar depois. Repita os nomes somente depois que eu tiver falado todos os três.*”

Diga com clareza os três nomes, aproximadamente 1 nome por 1.5 segundo. Use uma das três versões. Dê 1 ponto para cada nome repetido corretamente após a primeira apresentação oral dos mesmos. Os nomes podem ser reapresentados até três vezes.

	<i>a</i>	<i>b</i>	<i>c</i>	<u>escores</u>
Versão 1.	Camisa	Marrom	Honestidade	0 1 2 3

B2. ORIENTAÇÃO NO TEMPO

3	“Em que ano nós estamos?”	Ano correto	3	0 1 2
		Erra por 1 ano	2	
		Erra por 2 a 5 anos	1	
		Erra por 6 ou mais anos	0	
5	“Qual é o mês e o dia-do-mês em que estamos?”			0 1 2 3 4
		Resposta correta	5	
		Erra por 1 a 2 dias	4	
		Erra por 3 a 5 dias	3	
		Erra por 6 a 29 dias	2	
		Erra por 30 a 59 dias	1	
		Erra por 60 ou mais dias	0	
	“Que dia-da-semana é hoje?”	Resposta correta = 1 ponto		0 1
	“Que horário do dia é agora?”	Resposta exata ou com erro de até 60 minutos = 1 ponto		0 1

B3. FLUÊNCIA VERBAL: “Agora eu quero que você diga os nomes de todos os animais de quatro pernas que você conhece. Você vai ter 30 segundos para dizer o máximo de nomes que você lembrar. Pode começar.”

(Dê 1 ponto para cada resposta correta, até um máximo de 10 pontos) Escore (0 – 10)

B4. EVOCAÇÃO: “Você se lembra daqueles 3 nomes que eu pedi para você guardar na memória?”

3	A	Evocação espontânea (sem ajuda)	3	0 1 2
		Se após: “Um dos nomes era de uma coisa que usamos no corpo”	2	
		Se após: “Um dos nomes era sapatos, camisa ou meias?”	1	
		Se mesmo com estas dicas continua incapaz de lembrar	0	
3	b	Evocação espontânea	3	0 1 2
		Se após: “Uma das palavras era o nome de uma cor”	2	
		Se após: “Um dos nomes era azul, preto ou marrom?”	1	
		Se mesmo com estas dicas continua incapaz de lembrar	0	

c	Evocação espontânea	3	0 1 2
3	Se após: “Um dos nomes se referia a uma boa qualidade pessoal”	2	
	Se após: “Um dos nomes era honestidade, caridade ou modéstia?”	1	
	Se mesmo com estas dicas continua incapaz de lembrar	0	

ESCORE TOTAL DO CASI-S (de 0 a um máximo de 33 pontos): _____
NOTA DE CORTE: 23 - resultado abaixo encerrar entrevista e sinalizar para o idoso/familiar

BLOCO C – SATISFAÇÃO

Agora vou fazer algumas perguntas ao senhor/a e gostaria que indicasse o que mais representa sua resposta na escala.

C1. Satisfação global com a vida: O/a senhor/a está satisfeito com sua vida?

1	2	3	4	5	99
Muito pouco	Pouco	Mais ou menos	Muito	Muitíssimo	NR

C2. Satisfação com a moradia: O/a senhor/a está satisfeito com sua moradia?

1	2	3	4	5	99
Muito pouco	Pouco	Mais ou menos	Muito	Muitíssimo	NR

C3. Satisfação com o bairro: O/a senhor/a está satisfeito com seu bairro?

1	2	3	4	5	99
Muito pouco	Pouco	Mais ou menos	Muito	Muitíssimo	NR

C4. Satisfação com relacionamentos: O/a senhor/a está satisfeito com seus familiares?

1	2	3	4	5	99
Muito pouco	Pouco	Mais ou menos	Muito	Muitíssimo	NR

C4.1 O/a senhor/a está satisfeito com seus **amigos**?

1	2	3	4	5	99
Muito pouco	Pouco	Mais ou menos	Muito	Muitíssimo	NR

C4.2 O/a senhor/a está satisfeito com seus **vizinhos**?

1	2	3	4	5	99
Muito pouco	Pouco	Mais ou menos	Muito	Muitíssimo	NR

C5. Suporte social no bairro (escore total e por domínios – instrumental, informativo, afetivo, pertença): *Vou lhe perguntar sobre suas relações com seus vizinhos. Para cada afirmação que lhe apresentar, por favor, pense o quanto está satisfeito.*

O/a senhor/a está satisfeito/a com a ajuda que recebe de seus vizinhos quando:	1	2	3	4	5	NR
Precisa de companhia ou alguém para conversar?						
Fica doente e precisa de ajuda (para cuidar da sua casa e de seus animais ou para fazer compras)?						
Precisa de uma informação ou de ajuda para tomar uma decisão?						
Precisa de apoio, consolo ou conforto emocional porque está se sentindo triste ou sozinho?						
Tem alguma necessidade material (alimentos, dinheiro, remédios ou roupas)?						

BLOCO D – BEM-ESTAR RESIDENCIAL

Gostaria que o/a senhor/a respondesse algumas perguntas sobre seu bairro usando a escala.

1 Muito pouco	2 Pouco	3 Mais ou menos	4 Muito	5 Muitíssimo	99 NR
------------------	------------	--------------------	------------	-----------------	----------

D1. O/a senhor/a sente que:	1	2	3	4	5	NR
Minha casa é um lugar importante para mim.						
A minha vizinhança é um bom lugar para se viver.						
Me orgulho do bairro onde moro.						
Sinto uma forte ligação com meu bairro.						
Sinto que aqui é o melhor lugar para se viver.						
Meu bairro é um lugar seguro.						
Minha casa é um lugar seguro.						

BLOCO E – IMPACTOS DA UNIVERSIDADE

Há cerca de 12 anos começou a construção da universidade aqui no bairro, então vou fazer algumas perguntas a respeito da chegada da universidade.

E1. Para o/a senhor/a, o que mudou no bairro com a chegada da universidade?

E2. Pensando nas mudanças que a universidade trouxe para o bairro, aponte os três aspectos que o/a senhor/a considera afetar seu bem-estar positivamente e três negativamente... por quê o/a senhor/a escolheu estes aspectos? (relações entre mudança e bem-estar)

Anotar a carta escolhida e a posição (1º, 2º e 3º)

Q-Card	Positivo	Negativo
Áreas verdes (praças, parques e arborização das ruas)		
Comércio		
Calçadas e ruas (travessias, qualidade das calçadas, bocas de lobo e bueiros)		
Segurança (iluminação, policiamento, violência)		
Transporte e trânsito		
Vizinhança (vizinhos e bairro)		

Atividades sociais e esportivas		
Serviços de saúde (postos, UPA, ambulâncias, etc.)		

E3. As transformações no bairro afetaram suas relações com sua família, amigos e vizinhos?

Para finalizarmos, uma última pergunta sobre o bairro...

E4. O/A senhor/a acha que aqui é um bom lugar para envelhecer? Por quê?

INDICAÇÃO

O/A senhor/a conhece alguém que poderia participar desta pesquisa?

Nome: _____

Telefone: _____

Endereço (local onde mora): _____

Agradeço muito a atenção do/a senhor/a.

Entrevistadores: _____

Fonte: Mariana Alves da Silva do Nascimento, 2018.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Mariana Alves do Nascimento, mestranda em Gerontologia da EACH/USP, juntamente com a Prof. Dra. Maria Luisa Trindade Bestetti, realizamos uma pesquisa com o tema “Transformação urbana e relações sociais: Um Estudo com Idosos”, cujo objetivo principal é verificar se o bairro do Bangú sofreu mudanças nos últimos 10 anos sob o ponto de vista dos idosos, a respeito de questões como o ambiente e os relacionamentos com vizinhos.

Essa pesquisa implica riscos mínimos de constrangimento psicológico. Nenhum dado pessoal como nome, endereço ou telefone, serão divulgados. Nos comprometemos a respeitar seu direito de participar ou deixar de participar do estudo, sem que isso lhe traga algum prejuízo, bem como de interromper a conversa, caso sinta-se incomodado (a) em continuá-la.

Caso aceite participar, faremos algumas perguntas com o auxílio de um questionário. Esta entrevista será gravada e transcrita, e as informações prestadas pelo (a) senhor (a) serão divulgados em eventos e trabalhos científicos. Ao participar desta pesquisa, o (a) senhor (a) estará contribuindo para o entendimento da relação entre o ambiente construído e as relações sociais de idosos, refletindo sobre as mudanças na dinâmica de seu bairro e a importância da vizinhança como rede de suporte social, permitindo assim o avanço dos estudos na área da Gerontologia Ambiental.

Obrigada pela atenção.

Mariana Alves do Nascimento
Mestranda em Gerontologia – EACH/USP

Eu, _____, após ter lido e compreendido as informações acima, concordo em participar desta pesquisa, concedendo a entrevista e permitindo seu registro. Estou ciente dos meus direitos relacionados acima e que estes serão respeitados pelos pesquisadores. Confirmo que recebi uma cópia deste documento.

Santo André, _____ de _____ de 2018.

Assinatura do (a) entrevistado (a)

Contatos:

Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos - Telefone: 11 3091-1046

Mariana Alves do Nascimento - E-mail: m.alves@usp.br / Telefone: 11 2774-4308

Fonte: Mariana Alves da Silva do Nascimento, 2018.

ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES DA USP

Continuação do Parecer: 2.429.289

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1016260.pdf	30/11/2017 23:42:28		Aceito
Outros	Carta_Cep.pdf	30/11/2017 23:40:16	Mariana Alves da Silva do Nascimento	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_assinada_diretora.pdf	30/11/2017 23:38:48	Mariana Alves da Silva do Nascimento	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Mariana_CEP.pdf	30/11/2017 23:34:02	Mariana Alves da Silva do Nascimento	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_14_11.pdf	14/11/2017 15:29:48	Mariana Alves da Silva do Nascimento	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 11 de Dezembro de 2017

Assinado por:
Rosa Yuka Sato Chubaci
(Coordenador)

Endereço: Av. Arlindo Béttio, nº 1000

Bairro: Ermelino Matarazzo

UF: SP

Município: SAO PAULO

CEP: 03.828-000

Telefone: (11)3091-1046

E-mail: cep-each@usp.br